Elydio dos Santos Neto

OS QUADRINHOS POÉTICO-FILOSÓFICOS DE EDGAR FRANCO

Textos, HQs e entrevistas

Elydio dos Santos Neto

OS QUADRINHOS POÉTICO-FILOSÓFICOS DE EDGAR FRANCO

Textos, HQs e entrevistas

Marca de Fantasia
Parahyba, 2024

OS QUADRINHOS POÉTICO-FILOSÓFICOS DE EDGAR FRANCO

Textos, HQs e entrevistas

Elydio dos Santos Neto

Série Quadrinhos Poético-filosóficos, 1
2a edição, 2024, 113p
ISBN 978-85-7999-112-7

MARCA DE FANTASIA
Rua João Bosco dos Santos, 50, apto. 903A
Parahyba (João Pessoa), PB. Brasil. 58046-033
marcadefantasia@gmail.com
https://www.marcadefantasia.com

A editora Marca de Fantasia é uma atividade da Associação Marca de Fantasia, CNPJ 09193756/0001-79 e um projeto de extensão do NAMID - Núcleo de Artes e Mídias Digitais, do Departamento de Mídias Digitais da UFPB

Editor/designer: Henrique Magalhães
Ilustrações - inclusive capa: Edgar Franco

Este livro teve a preimeira edição em 2012 pela Marca de Fantasia

Conselho editorial

Adriano de León - UFPB
Alberto Pessoa - UFPB
Edgar Franco - UFG
Edgard Guimarães - ITA/SP
Gazy Andraus - FAV-UFG
Heraldo Aparecido Silva - UFPI
José Domingos - UEPB
Marcelo Bolshaw - UFRN
Marcos Nicolau - UFPB
Marina Magalhães - UFAM
Nílton Milanez - UESB
Paulo Ramos - UNIFESP
Roberto Elísio dos Santos - USCS/SP
Waldomiro Vergueiro - USP

Em conformidade com o artigo 46 da Lei Nº. 9.610 de 19 de fevereiro de 1998, todas as obras artísticas presentes neste livro são reproduzidas exclusivamente para fins de estudo, com a devida menção da autoria e da origem das obras e sem qualquer intuito comercial, sendo sua propriedade garantida às autoras/es e/ou entidades detentoras de direitos autorais. Desse modo, é vedada a reprodução integral ou parcial dessas obras com fins comerciais.

A vida é criação.
Edgar Franco

Sumário

Prefácio: Arte em processo de Edgar Franco
Por Henrique Magalhães 6

Introdução 8

1. Transgressão, transcendência e esperança:
os quadrinhos poético-filosóficos de Edgar Franco 12

2. Ditko e Franco... Dois tempos, duas poéticas visuais
e um mesmo problema: a dor e o sofrimento
da condição humana 28

3. Histórias em Quadrinhos de Edgar Franco 53
Atemporal 54
Vazios 58
Intransgenia 61
Parto 70
Ciclopisa 75
Breve comentário sobre as HQs de Edgar Franco
presentes neste volume 79

4. Edgar Franco – entrevistas concedidas
a Elydio dos Santos Neto 82
Infância, vida, desenhos de histórias
em quadrinhos e ciberpajelança 82
Aspectos da criação e produção de histórias
em quadrinhos e HQtrônicas 104

Referências 109

Arte em processo de Edgar Franco

A obra de Edgar Franco é uma arte em processo, em permanente mutação. É justamente esse o seu princípio criativo, a quebra dos paradigmas, dogmas e preconceitos, como deixa claro na entrevista concedida a Elydio dos Santos Neto neste livro. Essa liberdade de criação e investigação é o passe para a expressividade do trabalho de Edgar Franco, que em sua fantasia de mundos exteriores penetra profundamente em nosso próprio mundo, o mundo das coisas cotidianas e os interiores, pessoais e coletivos.

A riqueza do universo ficcional de Edgar não se trata de mero devaneio, sua obra está calcada num bem fundamentado arcabouço científico, que lhe enche de sentido. Poderíamos dizer que se trata da mais pura ficção científica, daquela que propõe uma antecipação plausível, ainda que meramente ficcional, aparentemente absurda no presente. O mundo proposto por Edgar Franco é como se fosse uma realidade paralela a nossa arraigada materialidade, mas que sinaliza um ponto de interseção em algum momento de suas trajetórias, visto que, ambas, são movidas pela inquietação humana e seu desejo de transcendência.

A consistência e a excepcionalidade da obra de Edgar Franco têm se destacado no meio artístico e acadêmico. A pluralidade de expressões de Edgar vai das histórias em quadrinhos à ciberarte, bem como à música eletrônica, que cria e executa com maestria. Há um entrelaçamento nas formas artísticas em Edgar, que se pode ver como uma obra única, denominada por ele como “Aurora Pós-humana”. A música invade os quadrinhos, que exploram os recursos multimídia formando

as HQtrônicas, ou história em quadrinhos eletrônicas, termo cunhado pelo autor. Sua arte é fonte e produto de seus estudos, quebrando o formalismo da academia com a oxigenação de sua verve criativa. O próprio Edgar incorpora seu universo, teórica e fisicamente, transformando-se num "ciberpajé" em apresentações performáticas.

Todo esse rico manancial que transborda na obra de Edgar Franco é o que propõe o livro de Elydio dos Santos Neto. Pesquisador arguto no campo da Educação, da Comunicação e das Histórias em Quadrinhos, Elydio analisa a obra de Edgar em seu aspecto poético e filosófico, traçando um paralelo com certos fragmentos dos quadrinhos de Steve Ditko, criador juntamente com Stan Lee do personagem "Homem-Aranha". Contudo, é nas entrevistas conduzidas com sensibilidade por Elydio, que encontramos a origem da obra e do "homenino" Edgar, que se revela de forma surpreendente e natural.

Henrique Magalhães

Introdução

É possível que o leitor deste livro, ao deparar-se com seu título, pergunte-se: o que são quadrinhos poético-filosóficos? Em um artigo, publicado na revista acadêmica "Visualidades – Revista do Programa de Mestrado em Cultura Visual" da UFG[1], depois de apresentar um esboço de seu percurso histórico no Brasil e também a posição de diferentes estudiosos sobre o assunto, explicitei minha compreensão sobre o que estou chamando de quadrinhos poético-filosóficos, considerando a produção brasileira contemporânea:

> A partir do quanto foi trazido aqui, como contribuição dos vários artistas e estudiosos do tema, é possível afirmar que histórias em quadrinhos poético-filosóficas são aquelas que apresentam, de maneira explícita em sua arte, a intenção de que seja feita uma reflexão poética, enquanto aberta criativamente ao contínuo movimento da vida, e filosófica, enquanto provocação a um pensar aprofundado sobre a condição humana. As histórias em quadrinhos poético-filosóficas tendem a ser apresentadas em histórias curtas que, muitas vezes, rompem com a linearidade convencional das narrativas em quadrinhos usando, para tanto, de criativos recursos seja no traço do artista seja em novas propostas de utilização dos requadros.
>
> São, portanto, três as características que principalmente definem uma história em quadrinhos poético-filosófica: 1. A intencionalidade poética e filosófica; 2. Histórias curtas que exigem uma leitura diferente da convencional; 3. Inovação na linguagem quadrinhística em relação aos padrões de narrativas tradicionais nas histórias em quadrinhos.

1. O artigo a que me refiro é: "O que são histórias em quadrinhos poético-filosóficas? Um olhar brasileiro". Santos Neto, 2009, p. 69-99.

No Brasil, desde a década de 1980, um grupo de artistas vem elaborando este tipo de produção, de modo especial em fanzines e em revistas independentes. Dediquei minha pesquisa de pós-doutorado[2] a estudar alguns destes artistas, especificamente: Flávio Calazans, Gazy Andraus e Edgar Franco.

Com o editor Henrique Magalhães, um dos pioneiros na publicação de quadrinhos poético-filosóficos no Brasil, acalento o projeto de publicar, em diferentes livros, os frutos daquela pesquisa. E assim começamos com Edgar Franco.

Edgar Franco é arquiteto, mestre em Multimeios, doutor em Artes, docente-pesquisador da Universidade Federal de Goiás, artista multimídia, fanzineiro, pesquisador e desenhista de histórias em quadrinhos, no suporte papel e no meio digital. Faz parte do grupo de artistas brasileiros a que me referia anteriormente e que mantém, desde a década de 1980 até hoje, uma intensa produção de histórias em quadrinhos poético-filosóficas. Tendo completado recentemente seus 40 anos, assumiu este evento como um momento especial no processo de constituição de si mesmo e também nos movimentos de sua ampla e variada produção artística, que vai dos quadrinhos à música eletrônica passando pela ilustração, fotografia e performances tecno-corpóreo-imagéticas.

Os dois textos por mim escritos e que compõem este livro, antes de constituírem parte do *corpus* final de meu relatório de pós-doutorado, foram apresentados e debatidos em congressos acadêmicos, a saber: XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Intercom, e II Seminário Nacional de Pesquisa em Cultura Visual, UFG.

---

2. Realizado no Instituto de Artes da UNESP, Departamento de Artes Cênicas, Educação e Fundamentos da Comunicação, sob supervisão do Prof. Dr. João Cardoso Palma Filho, e concluído em 2010, com a pesquisa: "As Histórias em Quadrinhos Poético-Filosóficas no Brasil: Origem e estudo dos principais autores numa perspectiva das interfaces educação, arte e comunicação".

No primeiro deles, após apresentar a trajetória de Edgar Franco e os elementos fundamentais de sua aurora pós-humana, faço um mergulho em sua obra procurando apresentá-la a partir de três eixos: a transgressão, a transcendência e a esperança. A meu ver estas são algumas das perspectivas que movem o artista e que podem constituir-se em contribuição importante num momento em que as culturas humanas em geral debatem-se em crises de desesperança e de falta de sentido, em contextos nos quais, dado o estupendo desenvolvimento tecnológico que presenciamos, já se apresenta e discute a perspectiva pós-humana. No segundo, com a ajuda da abordagem transpessoal de Stanislav Grof, aproximo duas poéticas visuais diferentes que têm em comum, no entanto, o fato de partirem de uma grande sensibilidade para com a condição humana: as poéticas visuais de Steve Ditko e de Edgar Franco. No texto, além de explicitá-las procuro mostrar também como elas podem ser úteis a educadores que pretendam auxiliar seus educandos a conhecerem melhor a condição humana para aprenderem a construir um viver melhor.

A primeira entrevista de Edgar Franco que aqui apresento, a mim especialmente concedida por ocasião da comemoração de seu quadragésimo aniversário, mostra um generoso recuo memorialístico à sua infância, vida familiar e processo formativo que nos ajuda a melhor compreender o artista multimídia hoje em pleno processo criativo. Na segunda entrevista, concedida também a mim, o quadrinhista revela os processos que utiliza para criar as histórias em quadrinhos poético-filosóficas no suporte tradicional e também a criação das HQtrônicas.

Entre os textos e as entrevistas temos cinco histórias em quadrinhos de Edgar Franco, como uma pequena mostra de seu vasto trabalho no campo, o que é também um convite a melhor conhecê-lo. Duas histórias são da década de 1990: Atemporal (1994) e Vazios (1996). Duas são dos anos 2000: Intransgenia (2006) e Par-

to (2007). A última HQ é uma história inédita, de sua fase recente como Ciberpajé, concebida especialmente para compor este livro: Ciclopisa (2012).

Boa navegação pelas imagens e ideias poético-filosóficas de Edgar Franco!

I

Transgressão, transcendência e esperança: os quadrinhos poético-filosóficos de Edgar Franco

O "estranho" Edgar Franco[3]

Em entrevista concedida a Ana Lúcia Pessotto dos Santos e Otávio Guimarães, para a *Revista Eletrônica Mafuá*, quando indagado sobre o caráter "estranho" de si mesmo e do seu trabalho Edgar Franco respondeu o seguinte:

> Sim, concordo plenamente e, a bem da verdade, adoro ser "estranho". A humanidade nada deve aos "normais", todas as reais benesses que contribuíram para a evolução da consciência humana vieram de homens chamados de loucos ou, no mínimo, estranhos. Sou certamente um estranho em todos os círculos sócio-culturais pelos quais trafego! (Santos & Guimarães, 2008).

O "estranho" Edgar Silveira Franco nasceu na cidade de Ituiutaba, Minas Gerais, no ano de 1971. É graduado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de Brasília. É mestre em Multimeios pela Unicamp e em sua dissertação estudou as histórias em quadri-

3. Trabalho apresentado no NP Produção Editorial do VIII Nupecom – Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

nhos na internet, batizando esta linguagem híbrida de quadrinhos e hipermídia de HQtrônicas. Os resultados desta pesquisa estão publicados em seu livro *HQtrônicas: do suporte papel à rede internet* (Franco, 2004). Fez o seu doutorado na Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP) no qual defendeu a tese "Perspectivas pós-humanas nas ciberartes". Neste trabalho o autor "contextualiza e analisa poéticas artísticas e visionárias de alguns ciberartistas que vêm refletindo continuamente sobre o avanço da tecnologia nos campos da genética, robótica e telemática e de sua relação com o corpo e a consciência" (Franco, 2006, p. 4).

Desde a infância Edgar Franco desenvolveu um grande amor pelas histórias em quadrinhos e, aos doze anos de idade publicou sua primeira HQ num fanzine[4]. É um artista polivalente criando músicas[5], ilustrações e histórias em quadrinhos, para tanto usando os recursos tradicionais destes campos, mas também, e hoje em grande intensidade, os recursos multimídias possibilitados pelo estupendo desenvolvimento da computação. No campo das HQ tem muitas páginas publicadas em revistas do Brasil e do exterior: *Quadreca*, *Brasilian Heavy Metal*, *Nektar*, *Metal Pesado*, *Quark*, *Mephisto* (Alemanha), *Dragon's Breath* (Inglaterra), *Ah, BD!* (Romênia), além das revistas *Artlectos e Pós-Humanos* volumes 1 e 2 pela SM Editora, 3 a 5 pela Marca de Fantasia, dos álbuns *Transessência*, *Agartha* e *Elegia* (pela Marca de Fantasia) e de *BioCyberDrama*, em parceria com o renomado desenhista brasileiro Mozart Couto (Opera Graphica).

Até a metade do primeiro semestre de 2008 trabalhou como docente nos cursos de Arquitetura e Urbanismo e Ciências da Computação da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Campus

4. A HQ chama-se "O Filho de Lúcifer" e foi publicada no fanzine intitulado *Odisséia*, editado em Mogi das Cruzes, SP.

5. Em 2007 Edgar Franco lançou seu primeiro CD oficial por uma gravadora suíça (Legatus Records): *Posthuman Tantra*.

Poços de Caldas. A partir de então assumiu a cadeira de Arte e Mídias Digitais na Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás. Edgar Franco sintetiza, pois, em si, as complexas figuras do artista multimídia, do pesquisador em histórias em quadrinhos, artes e mídias digitais e, ainda, do professor. Na entrevista acima referida afirmou (Santos & Guimarães, 2008):

> Alguns anos atrás descobri uma contradição incômoda em minha vida, quando as pessoas viam o meu trabalho e depois me conheciam, ficavam estupefatas! Eu era muito diferente daquilo tudo – visualmente falando – foi aí que descobri a importância de o criador se assemelhar às suas criaturas não só em essência, mas também em aparência. Comecei a mudar meu visual, introduzir estranhezas nele, assumir-me por completo como estranho. Curiosamente o resultado disso foi meu trabalho artístico ganhar mais força e coerência.

Nas figuras abaixo Edgar Franco antes e depois da mudança de visual a que se refere:

Figura 1 e 2. Edgar Franco antes e depois: foto para divulgação do Posthuman Tantra

A aurora pós-humana: o universo ficcional de Edgar Franco

> Histórias em quadrinhos e músicas podem ser simples mecanismos alegres para que dancemos e demos graças à vida, para que afloremos a criança interior... Mas, também podem (e devem) nos avisar quando começamos a singrar por caminhos obscuros, estranhos e perigosos, que nem sempre contemplam a fraternidade e a vida, como o desabrochar de uma flor...
>
> Gazy Andraus

A imaginação, embora tenha sido e ainda seja fundamental em todo processo humano de desenvolvimento, tem sido vista pelos rigoristas da moral e do cientificismo realista como um canal que desvia da "verdade" e da "correta" visão da realidade. Para muitos ela é a mãe da ilusão e da fantasia, ou seja, de tudo aquilo que nos tira do "real". Entendo a imaginação como uma qualidade que nos liberta dos determinismos do presente; não no sentido de fugir dos problemas do presente, mas no sentido de poder pensar o presente sob aspectos diferentes daqueles que a realidade nos apresenta e de, assim, buscar construir respostas novas aos problemas que nos ameaçam. A transformação da realidade nasce dos sonhos e os sonhos nascem da imaginação que ajuda a ver o presente de forma diferente daquilo que ele é. Assim a ficção pode ser um grande meio para pensar e transformar o presente. Também a ficção científica.

Ficção e ficção científica, por não apresentarem frutos de pesquisa científica (embora muitas vezes estejam fortemente embasadas nas construções científicas), mas sim da especulação e da imaginação, têm sido sistematicamente desprezadas, sobretudo na perspectiva cartesiana. É possível, no entanto, pensar, por exemplo, que os ficcionistas colocam a imaginação a serviço da reflexão que toma como ponto de partida os problemas gerados pela ciência e pela tecnologia

de nosso tempo. Edgar Franco criou um universo ficcional próprio para pensar a humanidade, a aurora pós-humana, e ao trazê-la projeta para o futuro, pelo poder criativo da imaginação, os problemas que estamos vivendo hoje. A intenção, assim compreendo, não é fugir dos problemas. Ao contrário. É uma opção de enfrentamento dos problemas considerando não apenas nossa razão, mas também nossa sensibilidade, nossa intuição, nossa capacidade de seres da narrativa e da criação que partem da experiência existencial. Toda a produção recente de Edgar Franco – das HQs impressas à produção musical, passando pelas HQtrônicas[6] – toma como referências para a construção de suas narrativas – visual, poética e musical – os problemas da aurora pós-humana. Vou destacar a seguir apenas algumas das criaturas presentes na complexa obra de Edgar Franco com o objetivo de refletir e comentar alguns aspectos que ela me sugere e que considero muito importantes.

A aurora futurista de Edgar Franco traz três tipos de seres que ameaçam a compreensão que atualmente temos do que é ser humano, daí o caráter pós-humano de seu trabalho que tende a chocar já de saída: haverá algo depois do humano? Os seres, criados pela sua imaginação são: os Tecnogenéticos (radicais, tradicionais e livres); os Extropianos (avançados, iniciados e neófitos) e os Resistentes. Um dos primeiros detalhes que me chamou a atenção sobre estes diferentes seres, quando fiz contato com este universo por meio do álbum BioCyberDrama (Franco & Couto, 2003), é que cada um desses grupos privilegia um determinado aspecto da complexidade humana. Assim, os Tecnogenéticos privilegiam o aspecto animal buscando assumir as características de um animal que escolheram como

6. Além do álbum BioCyberDrama, das revistas Artlectos e Pós-Humanos e das HQtrônicas (como "Ariadne e o labirinto pós-humano" e "NeoMasoPrometeu"), o leitor interessado poderá encontrar detalhes do universo de Edgar Franco nos capítulos IV e V de sua tese de doutorado (Franco, 2006, p. 151-229).

seu totem; os Extropianos veem no conhecimento o objetivo maior de todo viver e, com base nisto, transportam suas consciências para máquinas que, libertas do limite dos corpos físicos, podem dedicar-se inteiramente à tarefa de investigação-assimilação-produção de conhecimento; por fim, os Resistentes embora utilizem conhecimentos e tecnologias tanto dos Tecnogenéticos quanto dos Extropianos, evitam as tecnologias mais radicais e procuram reproduzir a vida de seus antepassados humanos.

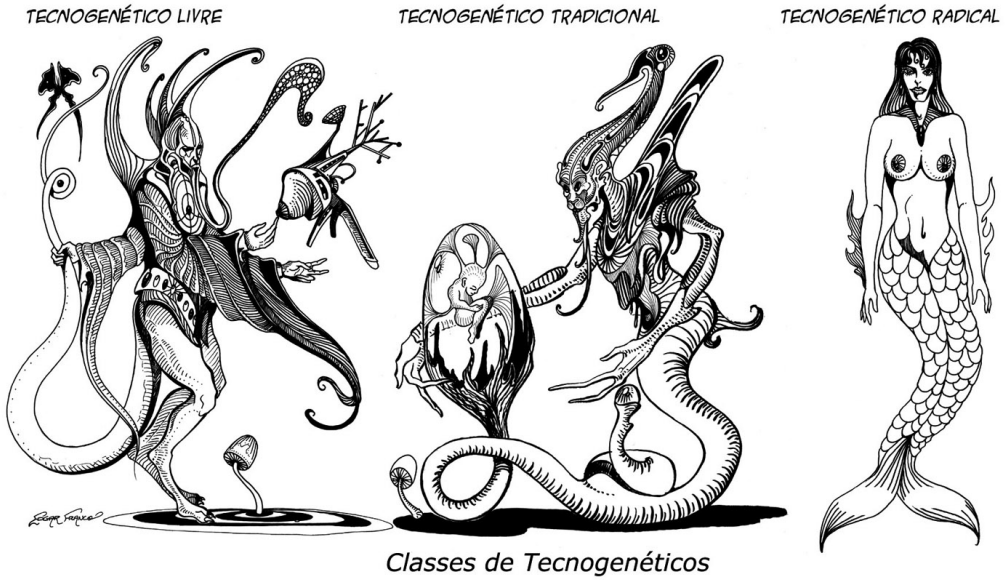
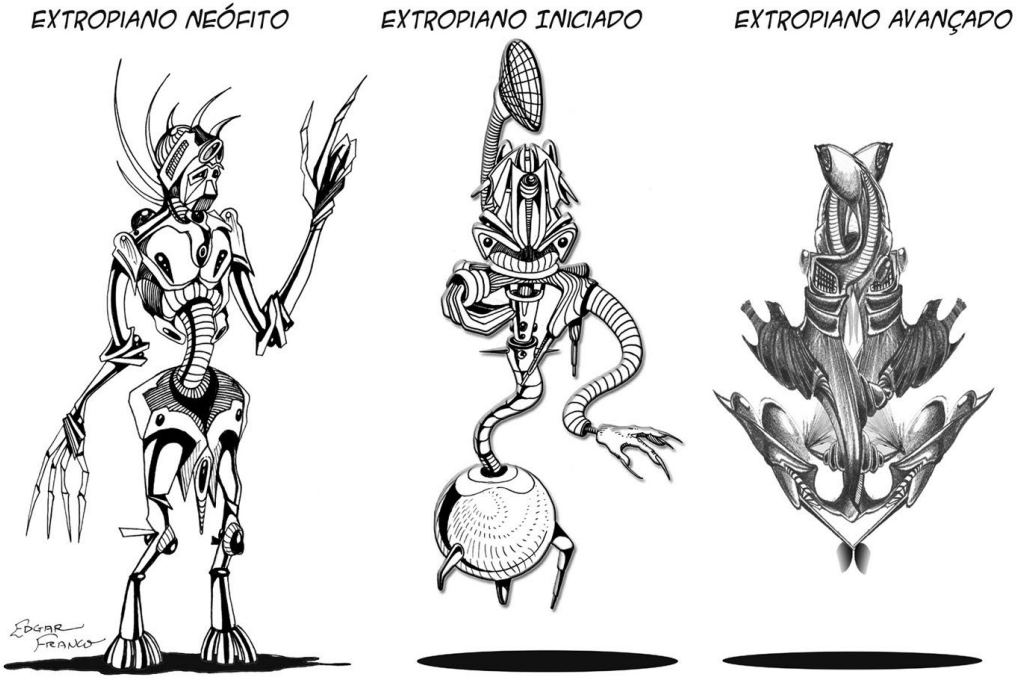


Figura 3. Classes de Tecnogenéticos

É interessante notar que no caso dos Tecnogenéticos e dos Extropianos *há uma opção por privilegiar um dos aspectos humanos: o aspecto animal, nos primeiros; a racionalidade/conhecimento nos segundos. Esta opção, percebida desde o interior de cada grupo como sendo a melhor, é, em verdade, uma opção* reducionista que elimina outros aspectos do complexo que os originou. Os Tecnogenéticos, ao privilegiarem a animalidade, não perdem sua racionalidade (têm templos, fazem discursos, organizam-se, elaboram planos,

justificam suas opções...) e nem suas emoções, mas as subordinam, juntamente com outras características, ao aspecto animal.

No caso dos Extropianos a opção, igualmente reducionista, é pela racionalidade/conhecimento. A opção é tão radical que chegam ao ponto de abdicar do corpo e de toda forma de leitura sensorial/sensível que este faz sobre o mundo e as relações. A aparente superação da morte que este grupo conseguiu é negada pelo Extrosuicídio – o suicídio cometido por um Extropiano em estágio já muito avançado de experiência nesta condição – por meio do qual a memória de um Extropiano é apagada e ele deixa de existir.



Classes de extropianos

Figura 4. Classes de extropianos

Estamos falando de um mundo imaginário. Por que digo, então, que há reducionismos e negação da inteireza por parte desses seres? Por que nem Tecnogenéticos e nem Extropianos parecem "plenamente" realizados nas histórias, apesar de seus discursos a favor da própria cultura: os Tecnogenéticos precisam de uma "religião" para afirmarem-se e, frequentemente, apelam para a violência buscando impor sua visão de mundo e seus valores; os Extropianos chegam a suicidar-se apesar de terem obtido a "vida eterna".

Penso que os Tecnogenéticos e Extropianos representam bem diferentes grupos, também com opções reducionistas, presentes em nossa cultura contemporânea. Entre nós as opções reducionistas vão desde as étnicas, passando pelas sexuais, políticas, religiosas e de classes sociais. E assim como Tecnogenéticos agridem Extropianos, também nós temos culturas que se dizem mutuamente: "nossas duas culturas não podem viver juntas sobre este planeta. Ou ficam vocês ou ficamos nós". Intolerâncias com raízes reducionistas.

E quanto aos Resistentes? Os Resistentes são aqueles que perceberam, talvez, os limites das opções reducionistas, mas, por outro lado, estão pressionados pela condição do inacabamento e da história que está, a todo o momento, exigindo novas respostas e novas construções culturais. Se os Resistentes vivem como seus antepassados viviam, em algum momento isto terá que mudar, pois o tempo histórico muda e traz novas demandas. Só conservar o antigo também é uma forma de reducionismo. Mudar é necessário, mas o que mudar? Como mudar? Como discernir o que deve ser mudado e o que deve ser conservado?

O grande desafio proposto na aurora pós-humana é o de desenvolver-se na inteireza, procurando construir uma "síntese harmoniosa", porém aberta, dos diferentes aspectos que constituem nossa complexidade. Esta é nossa riqueza, beleza, sofrimento e desafio.

Mulher resistente conversa com extropiano Neófito

Figura 5. Mulher resistente conversa com extropiano Neófito

Transgressão: a estranheza como uma forma de provocar a quebra de velhos paradigmas

A condição humana de ser histórico e, portanto, de inacabamento alimenta-se também da possibilidade que o ser humano tem de transgredir. Para Fachini (2001, 67):

> *Transgressão* contém, no seu bojo, *força disruptiva*.
> A pessoa ou idéia nova possuem a capacidade de romper com o estabelecido, romper com a lei; uma espécie de movimento que estilhaça o que havia antes; atomização de uma idéia, doutrina;

> fragmentação de uma sustentação preexistente; força de divórcio ou de separação em relação a instituições ou domínios.
>
> Na latência dessa energia nova, insuspeitável, existe uma situação de máximo desconforto, insuportabilidade, ambiente intolerável, impasses no entendimento, no vínculo, na compreensão esgotada, no mal-estar existente entre pares, na sociedade, num método de tratamento, numa instituição insustentável, reacionária, parada no tempo e enferma no espaço dos componentes.

Assim podemos pensar que a transgressão é uma forma de trazer saúde para ambientes, organizações sociais e paradigmas "adoecidos". É uma forma de vencer a normose[7] que se alastra por meio das agências sociais interessadas na reprodução do paradigma organizacional dominante.

A estranheza que sentem em Edgar Franco, como já se falou anteriormente, e que percebem também em sua obra, é também ela uma forma de transgressão e de provocação para auxiliar a despertar da condição normótica na qual muitos se encontram. A transgressão causa estranheza e espanto. O espanto faz pensar. Não à toa o mestre Aristóteles sugeria que uma das exigências para o filosofar era o *espantar-se* diante da realidade. Edgar Franco assume claramente esta postura (Santos & Guimarães, 2008):

> Minha obra artística nada mais é do que um reflexo de minhas buscas, dilemas transcendentes, amores, dores, esperanças e desesperos em relação a essa bela e contraditória maravilha chamada "espécie humana". Ela incomoda, causa estranhamento. Um estranho cria estranhezas. (...) Minha obra reflete profundamente as minhas inquietações. Mas com certeza

7. Uso aqui normose no mesmo sentido que emprega Jean Yves Leloup, ou seja, a doença proporcionada pelo fato da pessoa renunciar a seu desejo fundamental e seguir obedientemente as normas convencionais, o normal. Sobre isto conferir Santos Neto, 2005.

> existe em mim uma profunda rebeldia diante das grandes possibilidades de alcançar a plenitude que estão inseridas no seio de nossa espécie e de como a escravização pelos dogmas políticos, culturais, religiosos e ideológicos têm impedido um real avanço da humanidade em direção a essa plenitude.

Entre nós muitos são os que se acostumaram a viver na obediência das diretrizes do paradigma dominante: o privilégio à racionalidade; a desconsideração da sensibilidade; o desprezo pelas experiências místicas e transpessoais; a adesão ao conhecimento científico como o único verdadeiro e adequado; o servilismo às regras religiosas; a exploração do outro humano e não-humano; a falta de cuidado para com a Terra; a desconsideração pela percepção de que há uma interligação que perpassa todos os viventes; a descrença na visão de que além de seres de necessidades instintuais somos também seres capazes de construir solidariedade, justiça, beleza, sentido e amor. Para estes as transgressões de Edgar Franco talvez pareçam mais fortemente estranha, pois em sua obra estão presentes: o *desafio* de viver o diálogo entre diferentes; a *provocação* que faz perguntar se os conflitos interiores, muitas vezes destrutivos, podem ser superados e sintetizados numa atitude geradora de paz que, em permanente construção, possibilite serenidade, alegria, simplicidade e amor; a *ousadia* de propor o resgate dos antigos "rituais" (= tecnologias do humano e do sagrado) que favoreciam a re-ligação interna do ser humano, sem menosprezar as contribuições da ciência e de suas aplicações tecnológicas, sabendo que as mesmas são de per si insuficientes para esgotar a complexidade da realidade e da condição humana. São transgressões imaginadas por alguém que, pela arte e pela ciência, vem se empenhando por vivê-las em seu cotidiano, inclusive em seu próprio visual.

Transcendência: o eu, o outro, a sociedade e o cósmico na visão de Edgar Franco

Uma das características presentes no ser humano é a busca por superar e transcender os diferentes limites que a existência vai lhe colocando. De fato afirma o filósofo Mondin (1980, 64-65), especialista em antropologia filosófica:

> Aquilo que é, porém, mais singular, em todas as expressões do agir humano, é a presença de outro tipo de superação, de transcendência, que não está voltada mais para o exterior, para os outros seres vivos, mas isto sim, para o interior, para o próprio homem; este, em tudo o que faz, diz, pensa, quer, deseja, demonstra sua constante tentativa de superar-se a si mesmo. O homem é essencialmente marcado pela *autotranscendência*.

O que temos visto na história da humanidade é que este empenho de autotranscendência tem sido impulsionado sistematicamente ao próprio *eu*, ou em direção aos *outros eus*, ou em direção à natureza ou, ainda, em direção ao que chamam Deus. De fato é possível descrever a história, as doutrinas – filosóficas, políticas, teológicas, artísticas – construídas por um sem número de humanos que trilharam os caminhos destas tendências e ousaram compartilhar suas experiências em obras que deixaram com esta finalidade. Elas têm sido fontes de sabedoria, mas também matrizes de atitudes limitadoras, manipuladoras e pré-conceituosas.

Paulo Freire (1982) vê o ser humano como um ser inacabado, político e aberto para construir na história a sua emancipação, pessoal e coletiva. Um ser chamado a "ser mais", mas que pelos processos de dominação e exploração pode render-se ao "ser menos" e desumanizar-se. Stanislav Grof (1987) vê o ser humano como hilo-holotrópico,

isto é, simultaneamente direcionado para as realidades materiais (= hilotrópico) e para a totalidade (= holotrópico). Pela hilotropia o ser humano é matéria, células, sangue, carne, ossos, órgãos, vida social, trabalho, objetividade. Pela holotropia o mesmo ser humano busca sentido, percebe-se vinculado a todos os viventes, pode vivenciar sua dimensão cósmica, religa seu mundo consciente com o mundo inconsciente, empenha-se por viver a espiritualidade não como uma imposição das religiões enquanto organizações sociais, mas como um princípio organizador e vivificador de sua própria existência. É este ser, hilo-holotrópico, que vem criando a cultura que lhe permitiu, e ainda lhe permite, sobreviver e desenvolver-se em meio a tantos problemas, obstáculos e desafios.

Esta complexidade de aspectos também está presente na obra de Edgar Franco, de modo especial nas questões religiosas expostas em sua narrativa ficcional e que envolvem discussões como: a natureza da alma humana; o lugar da tecnologia no processo humano de desenvolvimento; o processo educativo humano; a religião como caminho de ampliação da consciência, como "muleta", como fuga e como instrumento de poder político e de dominação; a vida em família; as formas de amor; o desejo de paz infinita e eterna; as relações humanas na religião, no casamento, na educação, na amizade; a arte e o serviço ao outro como forma de autoconhecimento e de evolução pessoal e coletiva; a dúvida no processo de construção do conhecimento e do autoconhecimento; a importância de não perder processos naturais e humanos de constituição do *si mesmo*; a identificação entre a divindade e a realidade criada; o sentido do viver e do conviver. Todos estes problemas podem ser discutidos a partir da leitura das histórias do universo pós-humano de Edgar Franco que provoca a reflexão e não fecha as respostas a tais problemas.

Esperança: sobre a arte e os processos humanos de transformação e crescimento

A esperança é uma possibilidade daqueles que entendem, como Paulo Freire, o ser humano como inacabado. Se inacabado, responsável por sua própria história e co-responsável pela história do coletivo humano, então isto quer dizer que seu amanhã não precisa ser necessariamente como é o hoje: pode ser diferente, há esperança. A esperança alimenta a luta humana no presente para que o futuro seja outro e, neste sentido, pode-se dizer que aquele que se desesperançou perdeu uma das principais fontes inspiradoras da luta e tem a vida fortemente ameaçada.

A arte para Edgar Franco é provocadora de esperança. A arte de Edgar também. Na entrevista que temos citado ele afirma:

> (...) minha obra toda como artista multimídia guarda um forte laço com as ideologias utópicas e românticas da arte como meio de levar as pessoas à reflexão e à transformação. Todos os meus trabalhos possuem mensagens filosóficas, transcendentes ou ideológicas. Para mim a arte não é apenas um exercício ou jogo estético, é a maior de todas as ciências. Só a arte lhe dá a profunda liberdade transdisciplinar de unir universos tão diversos quanto o da física quântica e o dos moradores de rua, das bandas de rock e da teoria do caos, e assim por diante. (...) Acredito no poder de disseminação fractal de um pensamento, na ressonância morfogenética (Rupert Sheldrake), ou seja, na capacidade de uma única mente conseguir impregnar no inconsciente coletivo da espécie um novo pensamento que pode mudar nosso destino. Sou um criador de "memes artísticos", unidades de informação poética que podem se disseminar ressonando morfogeneticamente em todos os humanos e modificando seu comportamento e o de futuras gerações. Se minha obra atingir um indivíduo que seja, essa possibilidade de disseminação memética já existe. O grande problema é que

> a mitificação primária religiosa e os dogmas étnicos e culturais disseminados como uma doença entre nossa civilização durante eras têm produzido memes hediondos cheios de ódio e individualismo egóico (Santos & Guimarães, 2008).

A arte é provocadora de esperança porque é canal de manifestação da interioridade do ser e, portanto, é possibilidade de autoconhecimento e autotransformação que pode se irradiar até a transformação da realidade. O artista Edgar Franco não deseja pouco. Deseja com sua arte ajudar a criar um outro mundo – pós-humano? – onde o ser humano possa ser mais feliz, mais amoroso, mais fraterno e cercado das belezas que ele mesmo criou. Há esperança!

Breves considerações

Em tempos nos quais as culturas humanas sacodem-se no empenho de construir novos caminhos para a continuidade da vida, com sentido, sobre o planeta o trabalho artístico e de pesquisa de Edgar Franco sugere que:

> A *construção inteireza* como síntese criativa e inacabada dos contrários presentes na condição humana continua a ser um desafio fundamental que, se respondido positivamente, auxiliará a construção de novas perspectivas para a humanidade;
>
> Na construção coletiva mister se faz, considerando nossa história e nossos saberes acumulados, definir que *projeto ético* queremos defender para nós como conjunto humano tomando como ponto de partida nossas diferenças;
>
> As *Artes são um caminho privilegiado* de autoconhecimento, auto-expressão e construção de conhecimento transdisciplinar e como tal podem auxiliar o processo humano de desenvolvimento em suas relações com as necessidades de transgressão, transcendência e esperança.

Oxalá os trabalhos de Edgar Franco possam continuar a produzir nos corações humanos frutos de criatividade... Daquele tipo que necessitamos para construir um mundo com mais alegria, beleza e fraternidade.

2

Ditko e Franco... Dois tempos, duas poéticas visuais e um mesmo problema: a dor e o sofrimento na condição humana

Introdução[8]

Recentemente, quando estava lendo um trabalho de Douglas Wolk[9], mais especificamente o capítulo sobre Steve Ditko[10], embora não conhecesse a história do Homem-Aranha ao qual o texto se referia, tive a súbita impressão que a descrição que o autor fazia, de determinada sequência visual, aproximava-se muito dos diferentes sentimentos que um feto humano tem ao nascer pelo processo do parto normal. Lembrava dos estudos de Stanislav Grof[11] em torno do cam-

8. Texto originalmente apresentado no II Seminário Nacional de Pesquisa em Cultura Visual, de 17 a 19 de junho de 2009, na UFG, Goiânia. Publicado no CD-Rom do Congresso, no ano de 2009, sendo o ISSN: 1983-1919

9. Reading Comics: How graphic novels work and what they mean. (2007).

10. Chapter 8, Steve Ditko: A Is A.

11. Pesquisador nascido em Praga, mas radicado nos Estados Unidos da América desde a década de 1960, que se tornou conhecido por seus trabalhos de pesquisa em torno da consciência humana, em seus estados hilotrópico (direcionados à matéria) e holotrópico (direcionados à totalidade). Autor de "Além do Cérebro: nascimento, morte e transcendência em psicoterapia" (1987) e de "A mente holotrópica: novos conhecimentos sobre a psicologia e pesquisa da consciência" (1994). Criador, com Christina Grof, da Respiração Holotrópica, um método de auto-exploração que combina respiração (hiperventilação), música iniciática e trabalho corporal localizado como uma forma de acessar os níveis mais profundos da consciência.

po perinatal[12] e suas implicações para o processo humano de desenvolvimento. A descrição de Wolk, sobre a sequência desenhada por Ditko, é a seguinte:

> O que há de grandioso em toda aquela seqüência depende da linguagem corporal – Ditko não utilizou expressões faciais, uma vez que o Homem-Aranha tem o rosto coberto por inteiro pela máscara. Nela há apenas o Homem-Aranha e uma grande peça de metal (com água pingando sobre ele e aumentando mais e mais sua intensidade em cada quadro da seqüência), mas no curso de cinco páginas, Ditko nos mostra desespero, esperança, exaustão, culpa, ódio, determinação, e finalmente, vitória dramática. É emocionante apenas de olhar (Wolk, 2007, p. 158).

A primeira página da sequência desenhada por Ditko, a que Wolk se refere, é a mostrada abaixo na figura 6:

12. Perinatal: Peri (em torno), natal (nascimento), portanto em torno do nascimento. Perinatal, assim, refere-se aos eventos que Grof estudou durante o processo de gestação, no período que antecede o parto normal, durante o parto normal e na sua imediata conclusão.

Figura 6. Primeira página da sequência de “Capítulo Final”, desenhada por Steve Ditko, destacada por Wolk

O que me remetia a Grof era a sequência de palavras utilizadas por Wolk para descrever os sentimentos do Homem-Aranha: desespero, esperança, exaustão, culpa, ódio, determinação e vitória dramática. Estes sentimentos aproximam-se muito daqueles que um feto vivencia em seu processo de deixar a vida intra-uterina, processo no qual, de acordo com Grof, aprende uma série de coisas que permanecem consigo, ainda que em nível inconsciente, mas que serão determinantes sobre a maneira como aquele ser humano, que assim nasce, enfrentará a vida pós-uterina.

Consegui localizar a história completa publicada no Brasil[13] e ao visualizar as imagens da sequência, desenhada por Ditko, minha leitura confirmava a semelhança entre a situação vivida pelo Homem-Aranha e a situação vivida pelo feto no momento da saída do útero, com a passagem pelo canal do nascimento. A pesada peça de metal e o espaço diminuto faziam às vezes do útero e do canal do nascimento; o esforço empreendido pelo Homem-Aranha para dali sair assemelhava-se ao esforço empreendido, pelo feto e pela mãe, para o sucesso do nascimento; nos dois casos era uma luta entre a vida e a morte; os dois casos implicavam em juntar todas as forças para continuar a viver, para "re-nascer".

Nesta minha "viagem" pessoal por aquela visualidade lembrei-me da história em quadrinhos de Edgar Franco, intitulada "Parto" (2007), e fiquei pensando que havia ali duas poéticas visuais que, cada uma a seu modo, falavam dos processos de nascer, do sofri-

13. MARVEL COMICS – As primeiras histórias em quadrinhos do Homem-Aranha, n. 8 (Spider-Man Collection), publicado pela Editora Abril em 1997. Este volume traz as histórias de "Amazing Spider-Man" das revistas de números 32 a 36, publicadas nos EUA em 1966. A história em questão foi publicada na revista n. 33, intitulada "O Capítulo Final", com roteiro de Stan Lee; argumento e arte de Steve Ditko.

mento e de suas implicações para a vida humana e pós-humana[14]. A continuidade desta reflexão é o que apresento neste artigo, preocupado em mostrar que a experiência da condição humana – experiência a um só tempo de grandeza e miséria – é a grande fonte de onde brotam diferentes poéticas visuais. Estas, por sua vez, criadas por diferentes artistas, neste caso em especial do campo das histórias em quadrinhos, são importantes convites para que os seres humanos, que com elas fazem contato, possam construir suas próprias poéticas, visuais ou não, que, como sugere Costa (2002), são uma forma que temos encontrado para enfrentar a dura condição do "despregamento" da natureza ou, numa linguagem metafórica, a perda do "paraíso", que nos faz, a todo o momento, pensar: Quem somos? De onde viemos? O que estamos fazendo aqui? Por que vivemos o que vivemos? Qual o sentido da existência?

Poéticas Visuais, Políticas, Histórias em Quadrinhos e Pedagogia Cultural

Uma das raízes possíveis das palavras *poético, poética* e *poesia* está em *poíesis*, do grego antigo, que significa *criar*, *fazer* ou – como nas palavras de Martins, Picosque e Guerra (1998, p. 24) – a "ação de fazer algo; aquilo que desperta o sentido do belo, que encanta e enleva (...) capacidade de criação, desvelando verdades presentes na natureza e na vida que ficariam submersas sem sua presentificação. Desse modo, o ser humano poetiza sua relação com o mundo".

14. A discussão sobre o pós-humano é de nossa humanidade contemporânea e é impulsionada pelo nosso estupendo desenvolvimento tecnológico. Edgar Franco a incorporou tanto em sua obra como pesquisador, vide sua tese de doutorado, como em sua obra ficcional nos quadrinhos, da qual exemplos primorosos são a história em quadrinhos "Parto" e o álbum "BioCyberDrama".

Também Joel Martins, em seu importante trabalho "Um enfoque fenomenológico do currículo: Educação como *poíesis*" (1992, p. 88-89), explicita o caráter criativo e imaginativo de *poíesis*:

> Heidegger põe em evidência que 'habitamos aquilo que construímos'. Este é, realmente, o sentido do termo 'poesia' quando ele está se referindo à educação, sendo também usado pelo artista que habita aquilo que constrói através de sua imaginação; refere-se, ainda, ao uso da linguagem, das palavras, dos mitos e símbolos. Para os gregos esta construção, o fazer e o habitar, o que foi construído, constitui a *poíesis*. O termo envolve, necessariamente, uma criação, um pensar, um construir onde o poeta habita. Constitui-se dessa forma um pensar criativo, um habitar. Este habitar é a maneira pela qual os seres mortais estão na terra, desdobrando-se num construir que cultiva as coisas que crescem, assim como envolve a ação de erigir prédios ou edifícios. Vendo-se *poíesis* como construção, criação, linguagem, símbolos e mitos, poderíamos dizer que tudo o que constitui o falar cotidiano pode acontecer no mundo poético.

A capacidade poética é, pois, aqui compreendida como a possibilidade que nós humanos temos de simbolizar, significar e recriar o mundo, e nossa relação com ele, a partir de nossa imaginação. Sem esta capacidade de poetizar o mundo seríamos seres de pura adaptação e não seres de criação, transformação e mudança. Porque poéticos podemos desejar, sonhar, pensar e criar mundos novos. Por isso é possível falar numa "política dos gestos poéticos". Rubem Alves escreveu uma biografia de Gandhi que tem exatamente este subtítulo: "Mahatma Gandhi: a política dos gestos poéticos" (1983). Alves escreveu o trabalho em primeira pessoa, como se fosse Gandhi mesmo a falar, e em dado momento, referindo-se aos gestos poéticos, coloca na boca do biografado o seguinte:

> Compreendi que era destes gestos que nasciam as grandes metamorfoses, dos indivíduos, das comunidades, de povos inteiros. A razão? É que eles atingem o coração. Não existe nenhum outro caminho que nos possa levar à transformação do mundo. E nada há que se lhes compare em poder (p. 10).

Reconheço a complexidade e riqueza desta discussão, mas não quero entrar em seus meandros. Neste momento me é suficiente afirmar que uma poética, que nasce da relação imaginativa com o mundo e os outros humanos, é também uma política, pois provoca mudanças nas visões de mundo das pessoas e, consequentemente, no modo como se intervém nele e, portanto, favorece a reprodução ou a transformação na forma como o coletivo humano, *polis*, se organiza. A poética é, assim, uma "poderosa" capacidade humana de criação e intervenção.

Também as histórias em quadrinhos criam poéticas: poéticas visuais. Nascidas, em sua forma mais recente, na perspectiva do entretenimento popular e, por isso mesmo, submetidas durante muito tempo a um grande preconceito, pois a viam como um artefato cultural "menor", de "segunda categoria" – nas últimas décadas estão conquistando espaços privilegiados não apenas nas universidades, mas também nas livrarias, ampliando, inclusive, os gêneros nas quais são elaboradas, sem abandonar sua característica de excelente forma de arte popular[15]. Exemplos recentes da referida ampliação são: "Valsa com Bashir" (2009), o filme, que é um documentário inspirado nos quadrinhos jornalísticos de Joe Sacco e também tem sua versão em histórias em quadrinhos; "Persépolis", a premiada história em quadrinhos da iraniana Marjane Satrapi, que teve sua versão em animação indicada ao Oscar da categoria no ano de 2008.

15. Conferir, de Thierry Groensteen, "Histórias em quadrinhos: essa desconhecida arte popular". João Pessoa, Marca de Fantasia, 2004.

No campo das histórias em quadrinhos é possível destacar também artistas que se sobressaíram com criativas e poderosas poéticas visuais. A título de exemplo quero lembrar: os EUA com Alex Raymond, Harold Foster, Milton Caniff, Burne Hogart, Will Eisner, Joe kubert, Frank Miller, Art Spiegelman, Bill Sienkiewicz e Joe Sacco; a França com Moebius, Caza e Druillet; a Bélgica com Hergé; a Itália com Hugo Pratt; a Inglaterra com Dave Gibbons; o Japão com Ozamu Tezuka; o Brasil com Flávio Colin, Henfil, Ziraldo, Cláudio Seto, Mozart Couto, os gêmeos Gabriel Bá e Fábio Moon. Isto para não falar de roteiristas como Alan Moore (Watchmen) e Neil Gaiman (Sandman) que têm ajudado a criar, por meio de suas narrativas, significativas poéticas visuais que têm impactado um grande público.

Como as histórias em quadrinhos estão ligadas também à indústria cultural, então é necessário trazer aqui, desde uma perspectiva da educação escolar, a ideia de *Pedagogia Cultural*, que tem raízes no pensamento de Henry Giroux e Shirley Steinberg[16]. Vorraber Costa (2002, p. 144) afirma, referindo-se a Giroux e Steinberg:

> Segundo esses autores, todos os locais da cultura em que o poder se organiza e se exercita, como os programas de TV, filmes, jornais, revistas, brinquedos, catálogos, propagandas, anúncios, *videogames*, livros, esportes, *shoppings centers*, entre tantos outros, são espaços que educam, praticando pedagogias culturais que moldam nossa conduta. As pedagogias culturais vão formando a nossa identidade, na medida em que envolvem nosso desejo, capturam nossa imaginação e vão construindo a nossa consciência. Isso significa que há pedagogias culturais e currículos culturais em andamento dentro e fora das instituições educacionais, estruturados de acordo com as forças que regem a dinâmica comercial, política e cultural predominante no mundo contemporâneo.

16. Conferir: STEINBERG, Shirley (Org.) Cultura Infantil: A construção corporativa da infância. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

A observação quanto às pedagogias culturais é importante para ajudar os professores a libertarem-se de conteúdos escolares que se cristalizaram em um formalismo vazio e desprovido de sentido para os estudantes, e assumirem uma postura pedagógica que favoreça a construção de uma postura reflexiva e crítica diante dos produtos culturais oferecidos ao consumo das pessoas na sociedade capitalista, inclusa toda cultura visual. Afirma Giroux (1992, p. 96):

> De fato, uma política cultural requer o desenvolvimento de pedagogia que seja aberta às histórias, aos sonhos e às experiências que os alunos trazem para a escola. Somente começando por essas formas subjetivas, os educadores críticos poderão desenvolver uma linguagem e um conjunto de práticas que confirmem e engajem a natureza contraditória do capital cultural que constitui o modo como os estudantes produzem os significados que legitimam formas específicas de vida.

A perspectiva aqui é a de que os educadores estejam atentos à vida – própria e coletiva –, às políticas culturais, à cultura visual, às poéticas visuais e ao modo como os alunos/as, a partir da relação entre suas subjetividades e o mundo vivido, têm construído suas próprias narrativas poéticas que marcam a maneira como estão engajando-se no mundo.

A poética visual de Steve Ditko e uma sequência importante de "O Capítulo final"

Steve Ditko nasceu em 2 de novembro de 1927, em Johnstown, Estados Unidos. Cursou Desenho na *Cartoonists and Illustrators School*[17], em Nova York. Começou sua carreira como desenhista em

17. Escola fundada em 1947 por Silas H. Rhodes e Burne Hogarth, o famoso desenhista de Tarzan. Em 1956 mudou seu nome para *School of Visual Arts (S.V.A.)*. Esta escola existe ainda hoje, tendo boa avaliação entre as escolas de artes nos EUA. Conferir: www.schoolofvisualarts.edu/index.jsp.

1953, na revista *Black Magic*, da *Crestwood Publications,* desenhando histórias de terror e suspense. Em 1963 criou, juntamente com Stan Lee, o Homem-Aranha. Ditko é o responsável pela criação visual deste personagem e dos elementos básicos de seu universo. Avesso a entrevistas, fotografias e filmagens tem permitido poucos registros de si mesmo. Recentemente, em 2008, foi publicada, nos Estados Unidos, uma obra que resgata os trabalhos que criou ao longo de sua vida profissional: "Strange and Stranger: The world of Steve Ditko", de Blake Bell, publicada pela *FantagraphicsBooks*.

Figura 7. Steve Ditko em foto de Britt Stanton
(reprodução do site www.ditko.comics.org)

Embora tenha criado muitas histórias, personagens e universos (o visual da armadura vermelho e dourada do Homem de Ferro, Besouro Azul, Capitão Átomo, Questão, Mr. A, Rastejante etc.) e tenha contribuído com muitas inovações para a linguagem visual dos

quadrinhos[18], é especialmente sobre o trabalho para "O Capítulo Final" (1997) que eu quero me deter. Ainda que o personagem Homem-Aranha esteja na constelação do universo comercial, há que se ressaltar a autoralidade de Steve Ditko, e também de Stan Lee que originalmente o concebeu, em especial naquele momento, pois é o começo do trabalho com o personagem, isto é, é um momento ainda inicial do processo de criação daquele que seria, posteriormente, um grande sucesso de vendagens. Mas, na metade da década de 1960 o personagem está ainda sendo construído e não há, portanto, demasiada constrição por parte das preocupações comerciais, o que deixou Lee e Ditko mais livres em seu processo criativo. As figuras 3 e 4, a seguir, são de duas páginas que Ditko criou para esta história e expressam um pouco da riqueza de sua narrativa e poética visual:

18. Além de contribuir para o visual de vários personagens clássicos das histórias em quadrinhos, do qual o Homem-Aranha é o mais célebre, Steve Ditko criou personagens e enredos que exigiram saber usar bem a linguagem dos quadrinhos. É o caso, por exemplo, do personagem Questão. Não por acaso, Alan Moore, apesar de reconhecer a posição política de direita de Steve Ditko e, portanto, distante da sua – segundo ele próprio uma posição anarquista – tem em Ditko uma referência importante nas histórias em quadrinhos, tanto pela forma como pelo conteúdo. Sua primeira ideia para Watchmen, uma grande releitura do mundo dos heróis, era trabalhar com os personagens criados por Ditko: Capitão Átomo, Questão e Besouro Azul. Como a ideia não foi aprovada pelos editores responsáveis, então ele criou novos personagens, mas tendo a criação de Ditko como referência. Assim, Dr. Manhattan teve como referência o Capitão Átomo; Rorshach foi baseado em Questão e o Coruja no Besouro Azul. Conferir a entrevista de Alan Moore, em 16/06/2000: http://br.geocities.com/watchmenbrasil/09moore.htm.

EU TENHO A FORÇA DE VÁRIOS HOMENS...
CHEGOU A HORA DE USAR TODA ESSA FORÇA!
TENHO QUE PROVAR... QUE SOU DIGNO DELA...
... OU MORRER TENTANDO!
O PESO... É INSUPORTÁVEL... UNNNGH!
O ESFORÇO... ESTÁ ACABANDO COMIGO...
NÃO POSSO... DESMAIAR...
3

Figuras 8 e 9. sequência de “Capítulo Final”, com desenhos de Steve Ditko, no qual o Homem-Aranha, com a vida ameaçada, luta para libertar-se de um “quase útero” e nascer novamente

Esta é uma história na qual a vida de Tia May está em jogo. Ela está à beira da morte num hospital e depende de um soro, o Iso-36, que está na base secreta submarina do Doutor Octopus. O Homem-Aranha travou uma batalha com Octopus. O resultado foi que ficou preso sob uma enorme máquina de metal e o complexo submarino ameaça ceder sob a pressão da água, que já goteja sobre o herói. Steve Ditko, com uma sequência magistral de desenhos, mostra a luta do Homem-Aranha consigo mesmo para sair debaixo do terrível peso do metal que o prende. Já não é mais apenas a vida de Tia May que está em perigo, mas também a sua. Sentindo o peso da máquina de metal, a dor sobre o corpo, a água que vai aumentando cada vez mais, o tempo passando e corroendo a vida de Tia May, o herói luta com sentimentos contraditórios dentro de si mesmo: tem a visão do frasco com o Iso-36 à sua frente e isto lhe dá a esperança de cura para sua tia; ao mesmo tempo sente que pode fracassar, pois o peso é muito grande, e tem medo; lembra-se do tio que morreu por sua causa e sente um grande remorso que, se por um lado o abate, por outro é também o estímulo para que não seja responsável também pela morte de sua tia. Então brigando e falando consigo mesmo, com o volume de água aumentando, vai, pouco a pouco, levantando o pesadíssimo metal, até que numa arrancada final, "quando todos os seus músculos, tendões e ligamentos parecem prestes a estourar... quando a inconsciência parece inevitável... o Homem-Aranha triunfa" e consegue uma vitória dramática – que a página 5 da história expressa num desenho espetacular de Ditko –, não só levando o soro em tempo de salvar sua tia, mas também prendendo a quadrilha de Octopus que, entretanto, escapou.

A sequência desta narrativa visual, como veremos, – pelas vidas ameaçadas, pela necessidade de libertação de um lugar que não é mais adequado à vida, pelos sentimentos contraditórios em função da possibilidade de mortes – é muito próxima da experiência do

nascimento de um feto humano e da primeira forte aprendizagem da dinâmica de morte-renascimento, presente permanentemente na existência humana. Esta experiência está registrada, ao que parece, de forma intuitiva pelo artista e, porque está numa história em quadrinhos de caráter comercial, é oferecida a um grande número de leitores que podem entrar em contato com este conteúdo e elaborá-lo para sua própria vida. Certamente muitos leitores farão este movimento de forma inconsciente, mas o farão. Esta é mais uma "visualidade" que estará registrada no imenso manancial de imagens que estas pessoas terão consigo, à disposição para o processo de construção do si mesmo. Como veremos mais à frente, tal imagem, no entanto, tem um conteúdo bastante específico e poderá vir a ser um diferencial neste processo humano de desenvolvimento e formação. Na figura 5, a seguir, o momento da libertação e vitória do Homem-Aranha, na pena de Steve Ditko.

Figura 10. A vitória dramática do Homem-Aranha no final da sequência desenhada por Ditko: vence a ameaça de morte, renasce para a vida

A poética visual de Edgar Franco e uma história provocante: "Parto"

Até aqui trouxe a referência de uma história em quadrinhos comercial bastante conhecida que, mesmo submetida aos férreos interesses do mercado editorial, consegue respirar autoralidades graças à riqueza complexa do personagem e do universo com ele criado. Agora quero trazer outro tipo de narrativa e de construção visual. É uma história em quadrinhos que faz parte do universo ficcional criado por Edgar Franco e chamado por ele de "a aurora pós-humana"[19]. Edgar Franco nasceu na cidade de Ituiutaba, Minas Gerais, no ano de 1971. É graduado em Arquitetura[20] pela Universidade de Brasília, Mestre em Multimeios[21] pela Universidade Estadual de Campinas e Doutor em Artes[22] pela Universidade de São Paulo. Além de professor e pesquisador na Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás, Franco é também artista multimídia: com trabalhos de histórias em quadrinhos publicados, no Brasil e no exterior, em fanzines, álbuns, revistas, revistas independentes; tem hqtrônicas de sua autoria, roteiro e desenhos, publicados na internet e/ou em CDs; ilustrações para capas de livros e discos; desde 2007 entrou no campo da criação musical com a publicação de seu primeiro CD, "Posthuman Tantra", pela gravadora suíça Legatus Records e, em

19. Apresentei no Congresso Intercom, na cidade de Natal em 2008, uma comunicação sobre o trabalho de Edgar Franco com o título "Transgressão, transcendência e esperança: os quadrinhos poético-filosóficos de Edgar Franco": http://intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-0785-1.pdf.

20. Parte de seu trabalho de conclusão de curso está publicada sob o título "História em Quadrinhos e Arquitetura". João Pessoa, Marca de Fantasia, 2004.

21. Sua dissertação de mestrado está publicada: "Hqtrônicas: do suporte papel à rede internet" (2004).

22. Sua tese de doutorado intitula-se "Perspectivas pós-humanas nas ciberartes", defendida na ECA-USP, no ano de 2006.

2008 pela mesma gravadora, publicou o CD “Gothik Kama Sutra”. Como pesquisador tem livros, capítulos de livros, comunicações em congressos e assinou uma coluna sobre histórias em quadrinhos, “Quadrinhos Redondos”, no site Bigorna.

Figura 11. Edgar Franco em foto de divulgação do Posthuman Tantra

O trabalho produzido por Franco é autoral e pode ser compreendido no conjunto de uma obra de vários artistas brasileiros, pouco conhecidos do grande público, e que fazem um tipo de trabalho que vem sendo chamado por uns de *quadrinhos poético-filosóficos*, por outros de *quadrinhos fantástico-filosóficos* ou ainda simplesmente *quadrinhos poéticos*. A história “Parto” é, portanto, uma história em quadrinhos poético-filosófica que se desenvolve em cinco páginas, dentro do universo pós-humano criado pelo autor. Neste universo a tecnologia está tão desenvolvida que novas condutas culturais vão se estabele-

cendo: desde sofisticadas próteses tecnológicas implantadas no corpo humano até o transporte da consciência humana para máquinas, passando pela substituição, também tecnológica, de processos até então tidos como "naturais" pelos seres humanos, como é o caso, por exemplo, do parto. Daí toda a discussão sobre a pós-humanidade. A figura 7, a seguir, é a ilustração da página 4 da história em quadrinhos de Edgar Franco, que se encontra na íntegra na parte 3 deste livro.

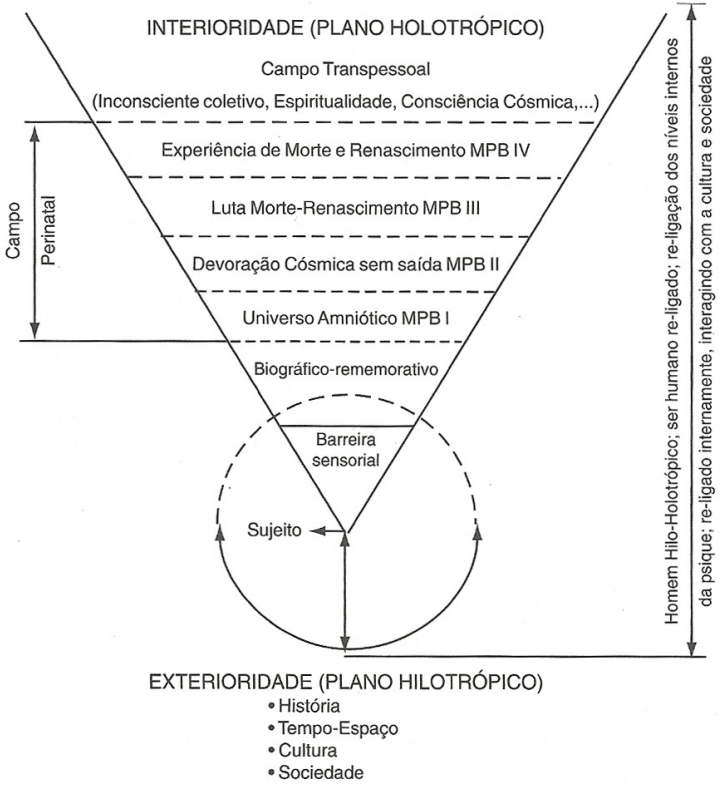
Figura 12. Desenho de Edgar Franco para a página 4 de sua história "Parto", mostrando o nascimento pós-humano, não mais com dor, mas com a "suavidade" tecnológica

A poética visual de Franco é bem distinta da Ditko. No caso da história "Parto" é uma história curta, onde cada página se identifica com um requadro. No entanto, cada requadro tem uma forma diferente: na página 1 tem a forma de uma borboleta; na página 2 as linhas retas de uma máquina fundem-se com as curvas de um corpo feminino em gestação, com claro destaque ao coração e ao útero; na página 3 são as pernas abertas da mulher, no momento do parto, que praticamente definem os limites do requadro; na página 4 o centro definidor é o útero-liquidificador e há o recurso de um *close* no rosto do feto, que já não nasce chorando, mas sim sorrindo; finalmente, na página 5, os limites do requadro são a "sombra de uma grande cabeça" no centro da qual está um ser feminino, com "muitos" olhos, suspenso entre um *coelho* com asas (o medo?) e uma *serpente* também com asas (a transformação?). Os desenhos têm uma marca de sofisticação, leveza e sensualidade, incorporando muitos motivos simbólicos: mãos, embrião, casulo, borboleta, cordões umbilicais, seios, úteros, vagina, fetos, coração, asas, masculino, feminino, máquinas, cosmos, coelho, serpente etc. O simbólico é sempre uma porta aberta para a criação poética e, neste sentido, o trabalho de Franco é um forte convite à co-autoria do leitor, que se vê provocado também por uma inescapável reflexão sobre o sofrimento humano e a tecnologia.

Stanislav Grof e a experiência perinatal

Stanislav Grof tem investigado a consciência humana por meio dos estados ampliados de consciência, estados obtidos inicialmente com o uso do ácido lisérgico (LSD) e, posteriormente, com a respiração holotrópica. Já em suas primeiras pesquisas, na década de 1950, registrou e gravou em fitas magnéticas os conteúdos elaborados pelos sujeitos de sua investigação. Coletou tais relatos, catalogou-os, organizou-os e ousou uma nova interpretação que vai além

do inconsciente pessoal como proposto por Freud. A cartografia que propôs não é oriunda de estudos teológicos que tomam como ponto de partida a revelação de livros sagrados, e nem tampouco de pura especulação filosófica e metafísica. É fruto de suas investigações com os estados ampliados de consciência e, portanto, tem uma base empírica. Esta cartografia distingue quatro níveis na consciência: a barreira sensorial, o nível biográfico-rememorativo, o nível perinatal e o nível transpessoal. Para este trabalho interessa-nos especialmente o nível perinatal.



ESBOÇO DA CARTOGRAFIA INTERNA SEGUNDO STANISLAV GROF
(Homem Hilo-Holotrópico, Antropologia da Inteireza)

Figura 13. Esboço da cartografia interna segundo Stanislav Grof.
Fonte: "Por uma educação transpessoal", livro do autor deste trabalho

O terceiro nível, *o perinatal*, diz respeito à memória e ao aprendizado experimentado por ocasião do processo de nascimento dos seres humanos, processo este que Grof chama de *morte-renascimento*, por toda dramaticidade e risco que traz. Sua cartografia sugere a existência, no nível perinatal, de quatro matrizes de aprendizado que se constituem neste momento e que, embora permaneçam inconscientes, atuam na vida pós-uterina, interferindo na definição de nossas características pessoais e no processo de construção de nossa identidade. Grof sugere que experiências de muita dor e sofrimento numa dessas matrizes podem fazer com que o sujeito em questão guarde com esta matriz uma relação negativa, *Matriz Negativa,* e afirma que "muitas observações sobre o indivíduo que está sob forte influência de matrizes perinatais negativas sugerem que ele encara a vida e seus problemas de um modo não somente vazio, mas com consequências destrutivas para si e para os outros, a longo prazo" (1987, p. 307-308). Entretanto, afirma também que tais experiências podem ser acessadas (criou um processo para isto: a Respiração Holotrópica) e liberadas tornando a vida do sujeito mais adequada ao desenvolvimento pleno. Por sua vez a experiência positiva vivida no útero e no processo de nascimento ajudam a preparação, desde os primeiros instantes da vida, para a vivência da "tempestuosa busca de ser".

No campo perinatal (ver figura 9) Grof detectou a titânica luta do feto pela vida: ameaçado pela morte, no processo doloroso do parto, ele luta para sobreviver. Simbolicamente pode-se dizer que tal processo é uma "descida aos infernos" e uma "subida para ressurreição": morte e renascimento. Assim, logo ao nascer aprendemos uma importante lição: existe uma dinâmica de morte e renascimento que perpassa os movimentos de evolução da vida. Compreender a vida assim significa trazer a necessidade de educar os seres humanos para o processo morte-renascimento: morrer para as concepções estáticas e imobilizadoras de vida; renascer para processos que auxiliem a caminhar para frente, rumo ao amadurecimento e à plenitude.

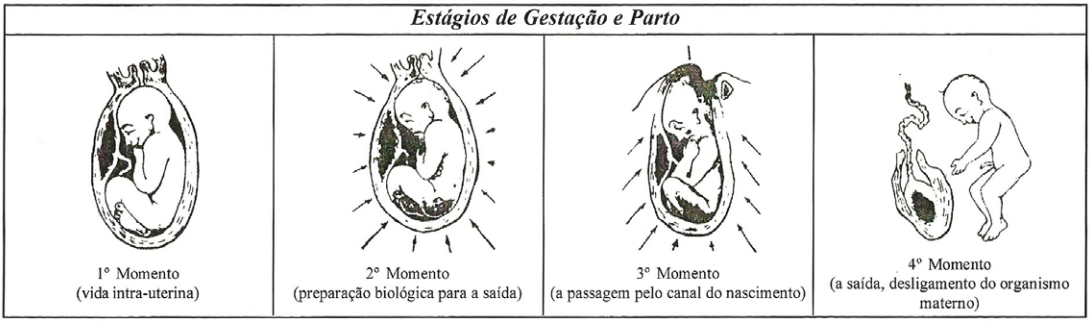


Figura 14. Os quatro momentos do parto natural em desenho do próprio Grof que, segundo ele, instituem o campo perinatal de cada indivíduo que assim nasce. Fonte: "Além do Cérebro"

Fica mais claro, a partir daqui, porque me chamou a atenção a sequência desenhada por Ditko, como fica mais clara também a motivação para trazer a história em quadrinhos "Parto", de Edgar Franco.

Ditko, Franco e o sofrimento humano: entre o super-herói e a tecnologia

Ditko e Franco, mediante duas poéticas visuais diferentes, nos oferecem oportunidade de refletir acerca de um mesmo problema: o sofrimento e os processos de morte-renascimento na vida humana. Ditko representa este processo na vida de um super-herói e Franco pelas transformações favorecidas pelo sofisticado desenvolvimento científico e tecnológico da humanidade.

O herói de Lee/Ditko, apesar de ser super-herói, não escapa do sofrimento. Também ele, apesar da força de muitos homens, tem medo, dúvida, remorso, culpa, raiva, desânimo, esperança e desesperança. Também ele precisa lidar com suas contradições, fragilidades e enfrentar o processo de morte-renascimento. É possível pensar que o Homem-Aranha/Peter Parker não tenha saído o mesmo depois daquele episódio. Saiu renascido, apesar das marcas da dor e do sofri-

mento. Ganhou nova vida, novas perspectivas. Uma experiência daquele tipo é algo transformador. Não se sai dela da mesma maneira com que se entrou. O ser "morre" e "renasce", transformado.

O feto da história em quadrinhos de Franco nasce de um útero-liquidificador. O seu nascimento é apenas um levantar-se, tendo chegado o momento da maturação. A tecnologia superou a necessidade de viver o processo de "morte-renascimento" daqueles que vêm à luz. Primeiro Otto Rank e depois Stanislav Grof nos ensinaram que o trauma do parto tem sido um momento importante para a constituição do ser humano. Nele aprendemos o processo doloroso de morte e renascimento. A vida é um permanente movimento que supõe saber morrer para o que já passou e saber nascer para o novo que está nascendo ou renascendo. Este aprendizado, contudo, é feito na dor. Será possível abolir este processo? Será possível eliminar a dor? Será desejável? Qual o limite aceitável da dor? Eliminar a dor seria eliminar nosso aprendizado para enfrentar a construção da existência?

No mundo futuro talvez não seja mais característica dos partos o choro das crianças, que morreram para a vida do útero e nasceram para a vida nas culturas e sociedades humanas. Talvez elas nasçam sorrindo uma vez chegadas à maturação. Talvez não corram mais os riscos de um "berço ruim" como no útero antigo. Mas haverá para elas a possibilidade de conhecer a alegria e a serenidade da vitória de quem trilhou o caminho entre a morte e o renascimento? Ou haverá "uma profunda tristeza enigmática em seus semblantes"? O que queremos? O que estamos fazendo?

Duas poéticas visuais diferentes e uma linguagem, as histórias em quadrinhos, que possibilitam uma reflexão filosófica e ética sobre o lugar do sofrimento no processo de *fazer-se* do ser humano. Dois bons "textos" para uma viagem narrativa. Dois bons "pretextos" para uma reflexão sobre a condição humana. Reflexão necessária para construir respostas para estas perguntas: O que queremos? O que estamos fazendo?

Breves considerações

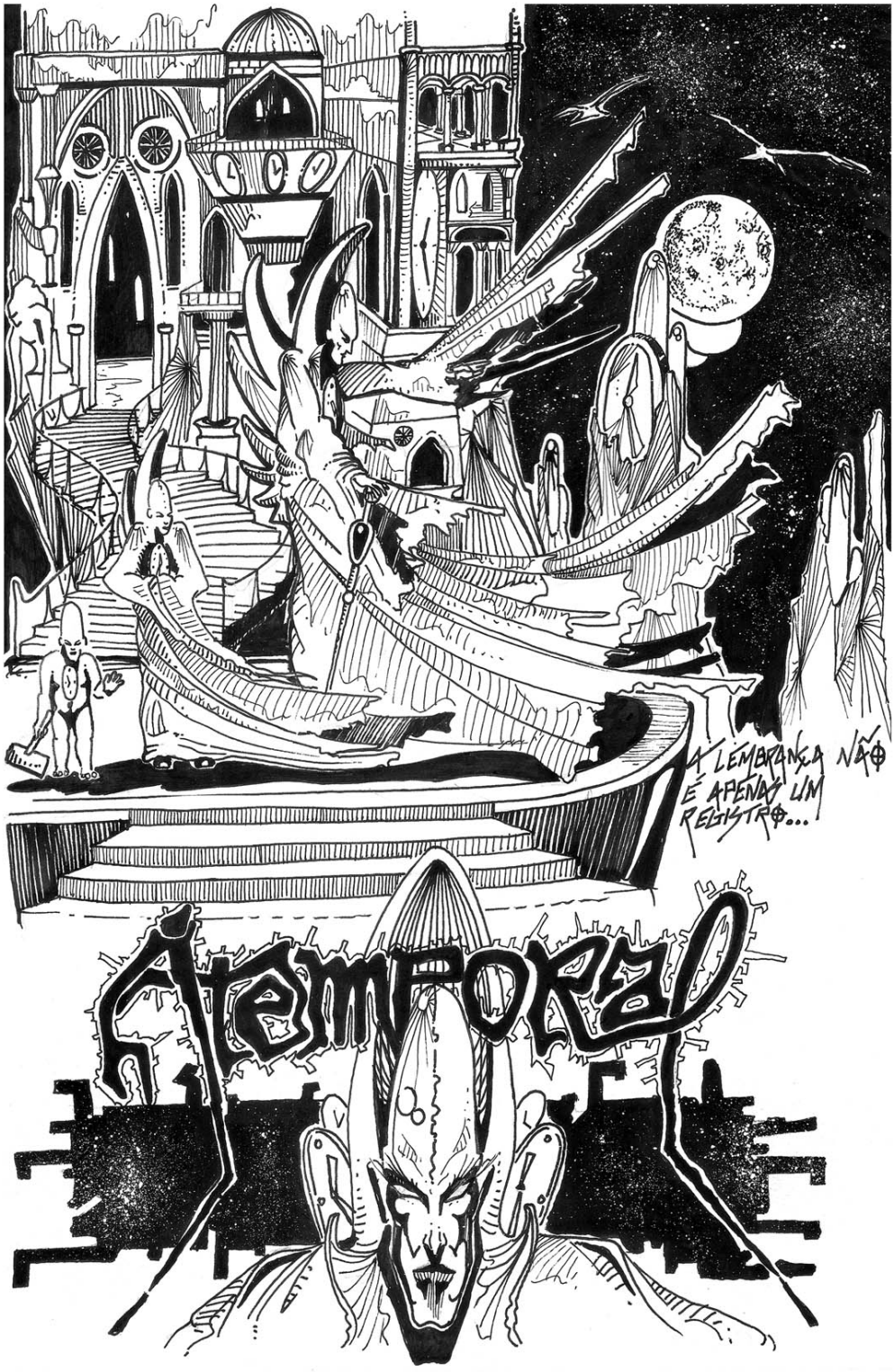
Alguns dirão que as histórias em quadrinhos são apenas um tipo de entretenimento e lazer e que, por certo, não se prestam a reflexões mais profundas. Outros dirão que ela facilita o processo de comunicação e, portanto, são didáticas e devem ser utilizadas nos processos pedagógicos, formais e não-formais, ainda que corram o risco de superficialização.

Entendo que as histórias em quadrinhos são também uma forma de entretenimento e lazer, mas não só. Elas têm também um poder didático, mas não só. Elas, como arte e comunicação, têm valor em si. São mais do que entretenimento e lazer. Várias delas não são nada didáticas, enquanto facilitadoras da comunicação, mas, pelo contrário, são problematizações provocadoras que fazem pensar e nem sempre apresentam respostas. Muitas, é verdade, são comerciais e fazem-se para um abstrato cidadão mediano, com gostos e padrões bem identificados. Outras, no entanto, são narrativas e poéticas visuais de andarilhos humanos implicados com a própria condição e necessitados de dizer algo ao mundo e aos demais humanos. Fazem-se contra e apesar do mercado. Entre estes "andarilhos", que criam visualidades poderosas, há aqueles que conseguiram dobrar as "leis editoriais" e chegam, em fino estilo, ao grande público. Enfim, estamos diante de uma linguagem que não pode ser desprezada. As narrativas visuais de Ditko e Franco sugerem que elas podem favorecer reflexões profundas sobre o viver, o sofrer, a construção de sentido e o desenvolvimento de uma boa energia a favor da existência pessoal e coletiva.

Se elas, pelo poder de sua narrativa visual, nos ajudam a simbolizar, autoral ou comercialmente, a complexidade de nossos mundos, então porque não considerá-las? Afinal, o que queremos? O que estamos fazendo?

3

Histórias em Quadrinhos de Edgar Franco


A LEMBRANÇA NÃO É APENAS UM REGISTRO...
Temporal

REALIDADE PARALELA...
PARA A QUAL VIAJAMOS MAIS RÁPIDO QUE A LUZ...
EU!

...O TEMPO É UMA ILUSÃO MECANICISTA...
...A ILUSÃO DO ETERNO FLUXO UNIDIRECIONAL
EU!

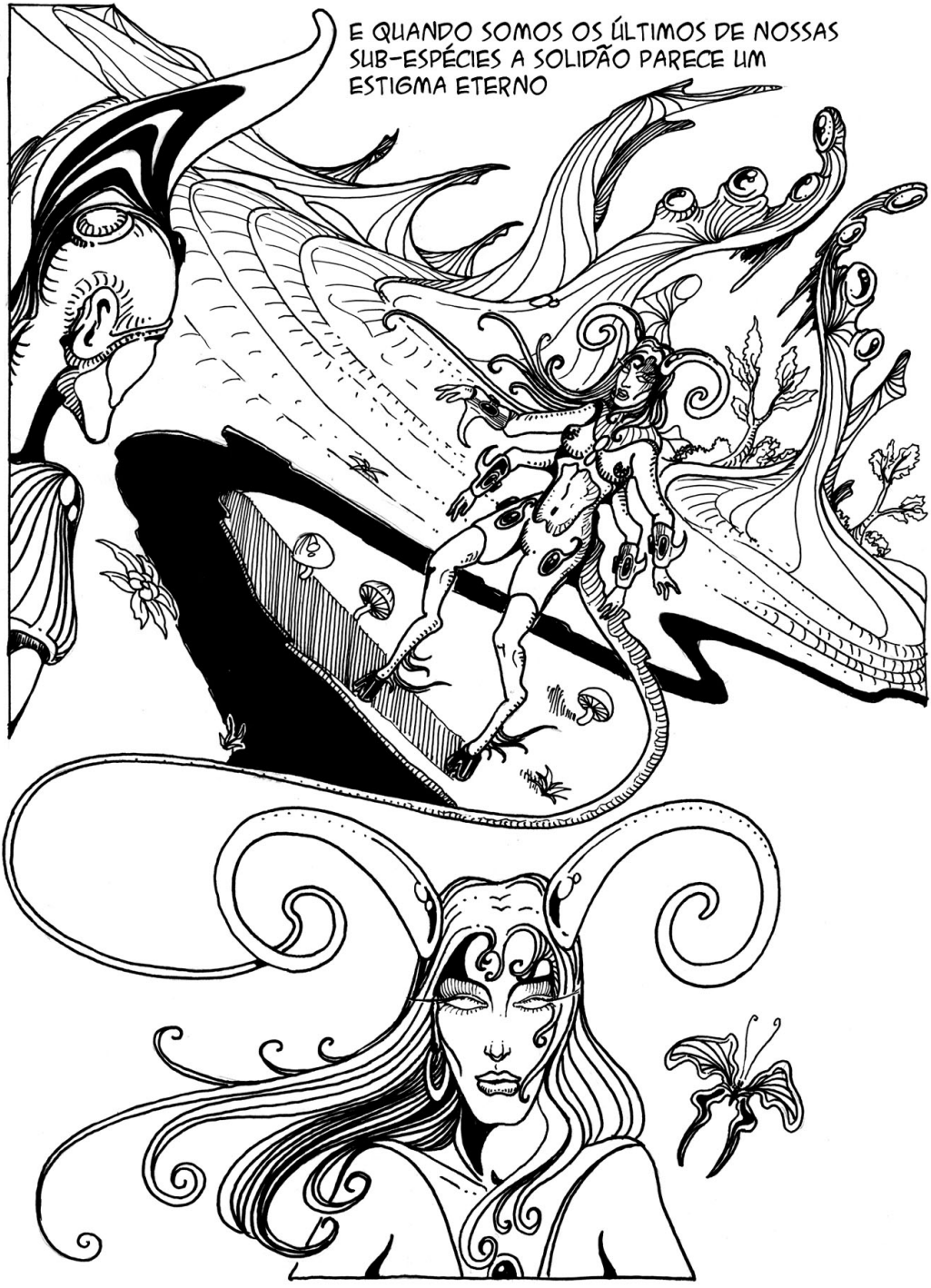
A MEMÓRIA SOBREPUJA O TEMPO, DESTRÓI SEU ÍCONE RELÓGIO PRA LEMBRAR DO PASSADO E DO FUTURO
LOGRO FRANCO

VAZIOS!
O VAZIO DE ONZE ANOS DE SOLITUDE?..
... ACUMULA-SE AO VÁCUO DE SETE DIAS DE FOME

Já sonhando com a morte...
eeeiii!
A surpresa no caminho lhe parece um delírio
fome? solidão?
ajude-me!

Todos os dias abdicamos de algo... Nem sempre estamos certos de nossa escolha.....
·Edgar Franco·

INTRANSGENIA
DOS
ESCOMBROS
DE UMA ERA
DE DECADÊNCIA
BIOTECNOLÓGICA
DENTRE BILHÕES
DE FUSÕES POUCO
RESTOU...

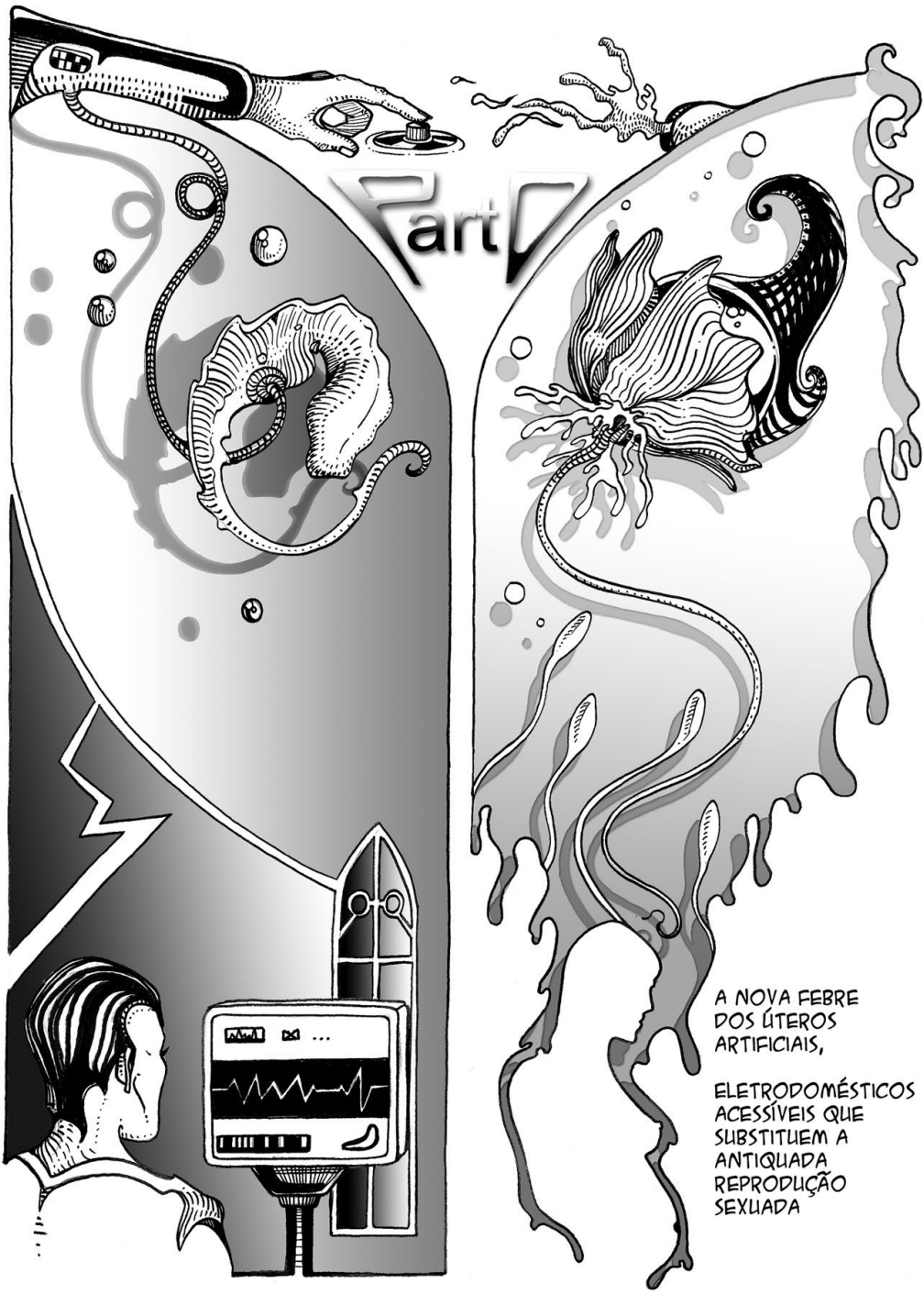

E QUANDO SOMOS OS ÚLTIMOS DE NOSSAS SUB-ESPÉCIES A SOLIDÃO PARECE UM ESTIGMA ETERNO

A PRESENÇA
DO OUTRO DESPERTA
PRECONCEITOS
IMEMORIAIS
MAS A
SOLIDÃO É
UM FANTASMA
EM COMUM

O TEMOR DE CRIAR O MIX PROFANO QUE ATORMENTA A CONSCIÊNCIA MORAL...
...É MAIS FRACO DO QUE O PODEROSO IMPULSO GENÉTICO DE PERPETUAÇÃO

E DO ATO PROIBIDO...

...FLORESCE
O IMPONDERÁVEL!
RESPOSTA PARA
A GRANDE
QUESTÃO QUE
HAVIA SIDO
ESQUECIDA
EDGAR FRANCO


Part V
A NOVA FEBRE DOS ÚTEROS ARTIFICIAIS,
ELETRODOMÉSTICOS ACESSÍVEIS QUE SUBSTITUEM A ANTIQUADA REPRODUÇÃO SEXUADA

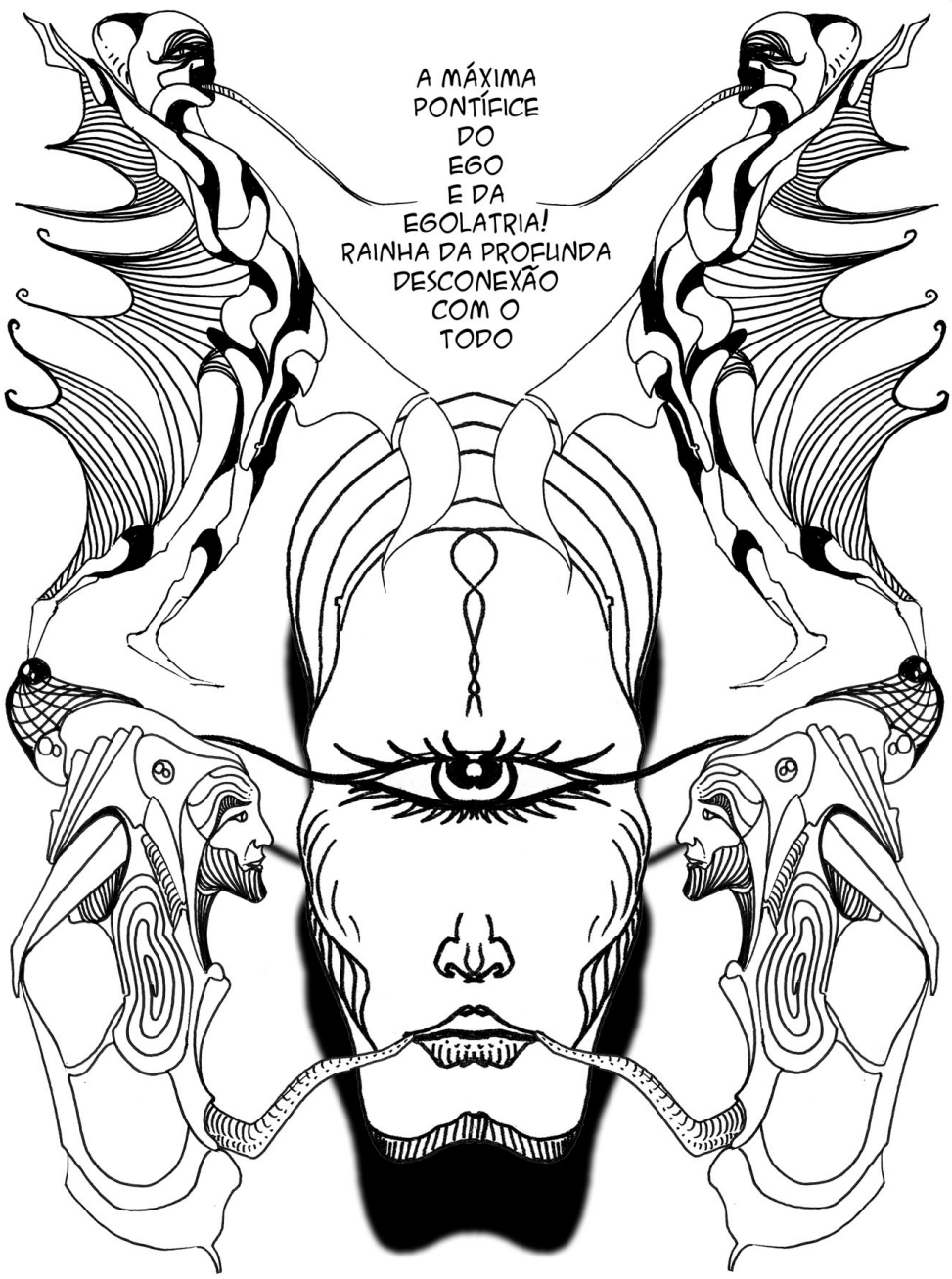
NOVOS SERES TRANSGÊNICOS MULTIFUNCIONAIS SÃO GERADOS NESSAS MÁQUINAS BENDITAS
POUCOS INSISTEM NA ANCESTRAL TÉCNICA BIOLÓGICA, QUE DESGASTA O CORPO E ESTÁ SUJEITA A ERROS DO ACASO...

...ASSIM COMO AO TRAUMA PERINATAL, QUANDO A MUDANÇA BRUSCA E DOLOROSA DE AMBIENTE MARCA PROFUNDAMENTE A CRIANÇA

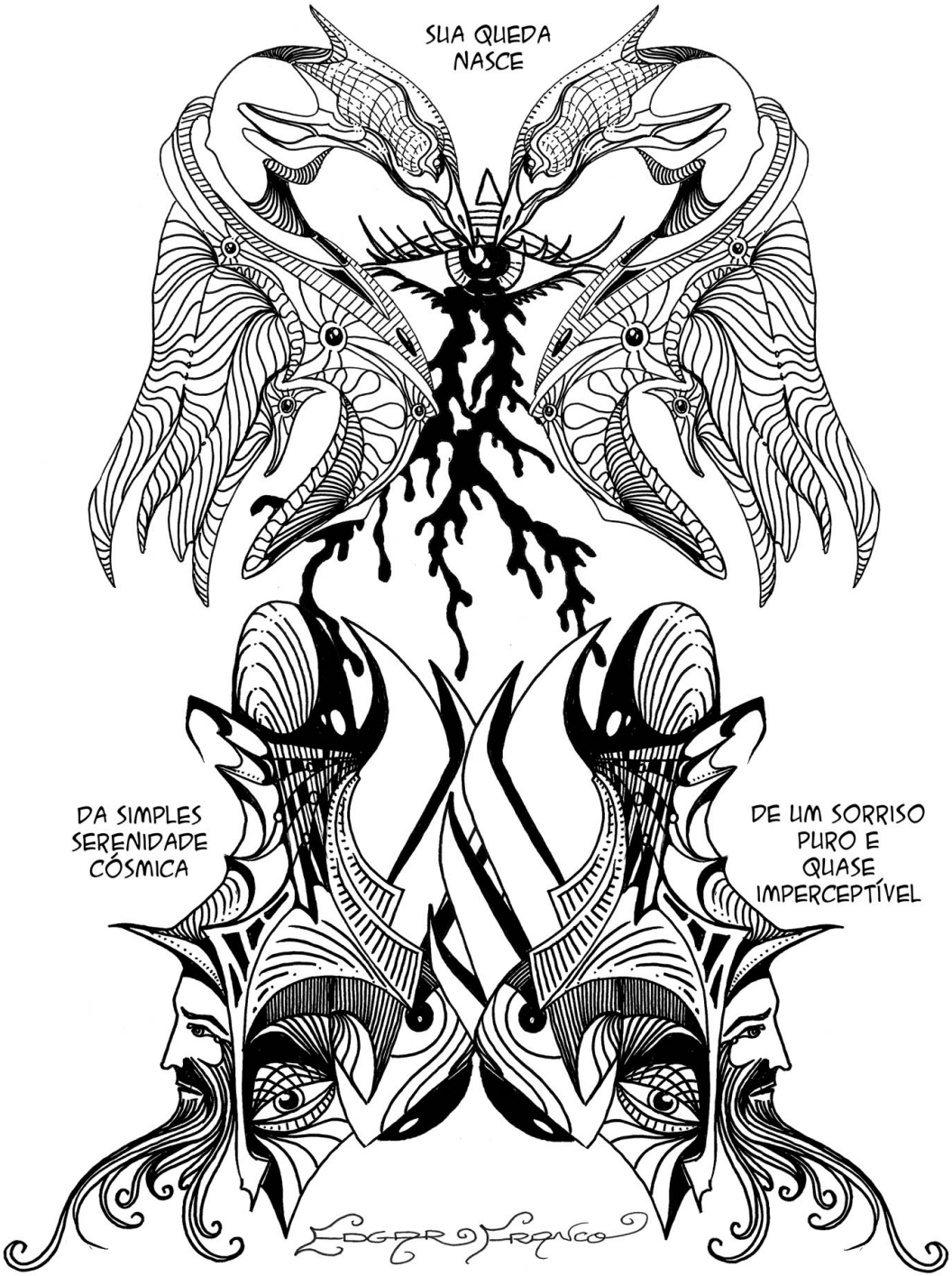
OS NOVOS PÓS-HUMANOS ESTÃO LIVRES DESSE TRAUMA, APENAS LEVANTAM-SE DE SEUS ÚTEROS-LIQUIDIFICADORES QUANDO ATINGEM O ESTÁGIO DE MATURAÇÃO FINAL
MAS APESAR DE NASCEREM SORRINDO...

INSPIRADA NAS REFLEXÕES DE STANISLAV GROF E DEDICADA A ELYDIO DOS SANTOS NETO

QUASE TODOS MESMERIZADOS PELA PAPISA CÍCLOPE,
CRIADORA DE SÚCUBOS SEDUTORES
ELA A:
Ciclopisa


A MÁXIMA
PONTÍFICE
DO
EGO
E DA
EGOLATRIA!
RAINHA DA PROFUNDA
DESCONEXÃO
COM O
TODO
MADRASTA DAS ALMAS DEFORMADAS, DOS SONHOS DE PODER

GERATRIZ DAS LEGIÕES DE
TORPES VAMPIROS PSÍQUICOS,
SEDUTORES E SUGADORES DAS
VERDADEIRAS LUMINOSAS
ENERGIAS CRIATIVAS
ELA, A MEGERA
ALIMENTADORA DA MENTE,
CENTRO ETERNO
DO VAZIO
EXISTENCIAL
E
DA TRISTEZA,
MÃE DOS
SORUMBÁTICOS
MORIBUNDOS...


SUA QUEDA
NASCE
DA SIMPLES
SERENIDADE
CÓSMICA
DE UM SORRISO
PURO E
QUASE
IMPERCEPTÍVEL
LOGAN FRANCO

Breve comentário sobre as HQS de Edgar Franco presentes neste volume

Todo ponto de vista é sempre visto de um ponto que, obviamente, termina por influenciar a visão que se tem e sua interpretação. Três pensadores têm sido para mim um ponto a partir do qual tenho olhado, lido e interpretado o mundo. São eles: Paulo Freire, Edgar Morin e Stanislav Grof. De Paulo Freire assimilei sua visão do ser humano como histórico, inacabado, provocado pela vida a Ser Mais, e também sua pedagogia dialogal/libertadora que se faz sempre na consciência de que todo ato educativo é também um ato político. Com Edgar Morin aprendi a olhar para as realidades natural, cultural e social interpretando-as como complexidades, como fios diferentes que são trançados de maneira que podem ser distinguidos, mas não podem ser dissociados. Assim, para ele o ser humano é a um só tempo *sapiens* e *demens*, racional e irracional, ser da objetividade e da subjetividade, ser da crença e da descrença, ser do amor e do ódio, do equilíbrio e do exagero... E com Stanislav Grof aprendi que a vida não se esgota na realidade material ou hilotrópica (corpo, células, músculos, cérebro, espaço, tempo...) como tem sido costumeiramente compreendida pelo paradigma newtoniano-cartesiano, mas que compreende também uma dimensão que se abre à totalidade, a perspectiva holotrópica, na qual a vida não se esgota no *ego* e para a qual as experiências míticas e espirituais podem ser preciosos caminhos para a conexão interna e externa do ser humano. A este ser humano, não reduzido a apenas alguns de seus aspectos, Grof, desde suas pesquisas com estados ampliados de consciência, entende-o como sendo hilo-holotrópico, a um só tempo direcionado à matéria e à totalidade espiritual.

Ao olhar para as HQs de Edgar Franco eu o faço também a partir destes referenciais e eles têm me ajudado a descobrir verdadeiras mensagens de sabedoria nestas narrativas, ricas de belas imagens simbólicas e de textos poéticos que também se contrapõem a uma perspectiva meramente mecanicista e cartesiana da existência.

Atemporal, originalmente publicada no fanzine *Bifa* nº 2, em 1994, publicação independente da cidade de Santos, SP, traz a temática do tempo e da memória. Num cenário futurista os castelos, um símbolo que pode referir-se às nossas próprias *psiques*, estão tomados por relógios. Não só os castelos. As pessoas também os trazem incrustados em seus próprios peitos. A sequência visual sugere uma reflexão na qual a consciência, a memória, o Eu, percebem o "tempo" de uma maneira diferente daquela da ilusão mecanicista. Nesta perspectiva o ícone relógio pode ser destruído em prol de uma nova maneira de viver a vida no "tempo", uma maneira mais poderosa e inteira.

Vazios, originalmente publicada no álbum *Brazilian Heavy Metal*, da Editora Opera Graphica, de São Paulo, no ano de 1996, foca-se em algumas das forças instintuais da condição humana e suas implicações éticas, sobretudo quando se é obrigado a escolher: a solidão/necessidade de companhia e a fome/impulso de manutenção da vida. Num cenário desértico, ambiente propício para nos encontrarmos conosco mesmos nos níveis mais profundos de nossa *psique*, um homem caminha enfrentando a solidão e a fome. Num dado momento encontra uma mulher que lhe pede ajuda e passa a viver o conflito da dúvida: matar a solidão ou a fome? Como lembra o texto desta HQ: "Todos os dias abdicamos de algo... nem sempre estamos certos de nossa escolha...".

Intransgenia apareceu pela primeira vez na revista *Artlectos e Pós-Humanos* nº 1, publicada pela Editora SM, de Jaú, SP, em 2006. Nesta narrativa é problematizada a perspectiva de como o desenvolvimento tecnológico pode afetar processos tidos como naturais,

como o impulso de perpetuação da espécie, e transformá-lo. Faz isso colocando a atenção na atração amorosa entre o macho e a fêmea, estando estes a enfrentar conflituosamente, após um período de decadência biotecnológica, a tensão entre o medo de unir-se amorosamente e a necessidade exigente de manter a vida. As quatro últimas páginas são de uma beleza imagética imensa e terminam num rebento de alegria e fraternidade.

Parto foi originalmente publicada na revista *Artlectos e Pós-Humanos* nº 2, da mesma Editora SM, de Jaú, SP, em 2007. Em cinco páginas Edgar Franco, referenciando-se nas pesquisas de Stanislav Grof sob o processo de aprendizado humano no momento do parto com suas dores e trauma, traz os novos processos de nascimento de uma sociedade futura quando "os novos pós-humanos estão livres desse trauma, apenas levantam-se de seus úteros-liquidificadores quando atingem o estágio de maturação final". Fica a pergunta reflexiva: Será melhor assim?

Ciclopisa é uma HQ inédita. Foi concebida e desenhada no ano de 2012 para ser publicada neste livro. Nesta narrativa o centro da reflexão poético-filosófica está na egolatria, na busca doentia de poder, na profunda desconexão com o todo e nas extensões políticas, éticas e relacionais da ação do ego encapsulado em si mesmo. Edgar Franco em páginas de grande beleza usa da referência religiosa para mostrar que o *ego* fechado em si mesmo e tomado pela ânsia de poder gera, pela sua ação, o desenvolvimento de seres que constroem a vida negando a criatividade, a beleza, a luminosidade, dirigindo-se perigosamente para um Ser Menos e não para o Ser Mais como sugere Paulo Freire. No fechamento da narrativa mostra, no entanto, que uma grande transformação pode vir "da simples serenidade cósmica... De um sorriso puro e quase imperceptível".

4

Edgar Franco – Entrevistas concedidas a Elydio dos Santos Neto

Infância, vida, desenhos de HQ e ciberpajelança
25/09/2011

Edgar, nos últimos tempos, sob influência de minha companheira Marta, tenho olhado para os tempos da infância como um tempo especial e que precisamos, de certa forma, vivenciar este tempo também ao longo de toda a vida. Com o filósofo italiano Giorgio Agamben aprendemos que a infância não é apenas um tempo cronológico, mas é uma *condição da existência humana*, ou seja, se queremos viver nossa vida em plenitude, ainda que inacabada, não podemos deixar de lado o espírito infante, que eu e Marta temos interpretado como: ousadia, curiosidade, transgressão, coragem de criar, coragem de duvidar, coragem de arriscar, coragem de perguntar... coisas que a criança costuma fazer com certa tranquilidade, mas que fica mais difícil na medida em que vai sendo moldada às instituições definidas pela cultura dominante como sendo instituições educadoras. Você está próximo de completar 40 anos. Hoje é dia 14 de setembro e no dia 20 você entra numa existência vivida em 4 décadas. Neste momento significativo gostaria de resgatar um pouco de sua infância com você. Jung diz que o número 4 é simbólico de caminho que se completa, embora continue fazendo-se. Assim, vou dividir esta

entrevista em 4 blocos, cada um deles com 4 perguntas, ok? Assim eu também tenho que me concentrar para "tirar" o máximo sobre sua infância e você, em 16 perguntas.

Primeiro bloco: Memórias da infância

1. *Qual a mais remota lembrança, na forma de imagem, que você tem de sua infância? O que esta imagem significa para você?*
Eu tenho uma lembrança bela, idílica e que certamente pode ter algo de idealização, mas meu pai, Dimas, confirmou essas histórias e de certo modo reforçou essas memórias. Pouco tempo depois de meu nascimento em 1971, sou o primeiro filho de um casal, nos mudamos para uma vila de operários de um frigorífico no município de Ituiutaba (MG), minha cidade natal. Meu pai trabalhava no departamento pessoal desse frigorífico que ficava a 12 km da cidade. A vila era rodeada por matas e florestas e meu pai gostava de fazer caminhadas por essas matas e logo que comecei a andar ele me levava. Eu comecei a falar muito cedo, dizem que aos 9 meses, com 2 anos de idade já era bem falante, e meu pai diz que fazia muitas perguntas durante os passeios. A minha lembrança mais remota é estar caminhando por essas matas com meu pai com essa idade entre 2 e 3 anos, e o detalhe mais impressionante dessas lembranças é algo que meu pai fazia durante as caminhadas e que de certa forma marcou-me profundamente. Ele gostava de parar, às vezes, em completo silêncio no meio da mata e sussurrava assim: "– Vamos ficar quietinhos e ouvir a floresta!" Aquilo era mágico para mim, ficávamos em silencio absoluto por alguns minutos ouvindo os delicados sons da mata, depois continuávamos o passeio. Interpretando essa atitude hoje, vejo que ela demonstrava um profundo respeito pela natureza, era uma atitude de admiração diante do mistério profundo da vida e da complexidade da natureza e era impregnada de delicadeza e

sensibilidade. Existia sempre, nesses momentos, algo de misterioso e mágico, uma atitude de respeito e admiração diante do fenômeno da vida, totalmente contrária ao ímpeto produtivista, racionalista e exploratório do frigorífico que ficava próximo e que causava sofrimento constante a seres vivos tratados como coisas. Meu pai nunca gostou de trabalhar no frigorífico, isso foi algo marcante na vida dele, teve que se submeter pelas poucas alternativas de emprego na cidade e isso o afetou muito alguns anos depois, até se libertar do trabalho por lá. Bem, esse fato de ouvir a floresta com certeza é um marco profundo da minha percepção do mundo, de encarar a beleza do mistério da vida que jamais será desvendado.

2. *O que mais lhe dava prazer na infância? Do que você gostava de brincar? Como era isso?*

Desde muito cedo meu pai me envolveu com narrativas, antes de começar a falar eu já ia ao cinema com ele assistir animações da Disney, ele comprava livros de histórias infantis e lia pra mim sempre. Logo cedo eu me fascinei por esses mundos ficcionais e minhas brincadeiras mais remotas já envolviam a criação de mundos e histórias fantásticas. De certa maneira isso me tornava mais isolado, porque as crianças de minha classe social não tinham tanto envolvimento com narrativas, as brincadeiras eram mais tradicionais – não que eu não brincasse também de pique-pega, pique-esconde e todas essas outras brincadeiras mais físicas, mas eu estava sempre inventando histórias e nem sempre as outras crianças estavam interessadas nisso, portanto aprendi a conviver bem com uma certa solidão e a transformar o mundo em um lugar meio mágico. Eu me lembro claramente de ter transformado em sítios fantásticos muitos dos lugares em que eu caminhava sozinho, já com 6 anos de idade e morando novamente numa casa nas proximidades do frigorífico em que meu pai trabalhava. Eu caminhava só na mata, mesmo sendo meninote,

minha mãe só me avisava para não ir ao rio Tijuco pois era perigoso. Lembro-me de um lugar com muitas pedras que eu amava, e eu chamava de meu castelo, ia pra lá sozinho e brincava de estar num belo castelo. Quando voltamos pra cidade, eu tinha 7 anos, e me lembro de, enquanto estavam colocando a mudança no caminhão, eu fazer uma última caminhada pela mata próxima e ir até essa pedreira, despedir-me do meu castelo com muita tristeza. É importante dizer que durante o ano de 1975 meu pai foi transferido para a cidade de São Paulo e vivemos pouco mais de um ano por lá. Foi um período marcante, pois entrei na minha primeira escola, chamada "O Foguetinho", no bairro de Pinheiros, onde residíamos. Nessa época, meu pai que sempre gostou do campo, me levava pra passear no campus da USP que ficava próximo, segundo ele, um dia perguntei que lugar era aquele e ele respondeu: "– É uma escola!" Sem titubear eu falei: "– Um dia vou estudar aqui!" No ano de 2002 quando soube o resultado da seleção e ingressei no Programa de Doutorado em Artes da ECA/USP, a primeira coisa que fiz foi ligar pra ele e dizer que eu estava agora estudando lá, como havia dito. Meu pai só respondeu que sempre soube disso, a palavra tem poder. Nessa época também ganhei meu primeiro animal de estimação, um gato persa que chamei de Tom. A minha relação de amor pelos animais, que já existia, vai se intensificar profundamente a partir desse ponto. No retorno à Ituiutaba, fui estudar em um colégio tradicional da época, meu pai queria uma educação de qualidade e resolveu pagar o colégio mais caro da cidade, Instituto Marden, fiz o pré-escolar por lá e fiquei lado a lado com filhos da burguesia da cidade, meninos de classe mais alta, a maioria filhos de ruralistas da região. Curiosamente eles também não tinham o contato que eu tinha com gibis, cinema, histórias infantis e narrativas fantásticas, pois eram filhos de burgueses iletrados. Nessa época minhas brincadeiras sempre envolviam histórias fantásticas, resíduos do que eu lia, via, ouvia misturados com

minhas criações e reinterpretações. Sobre isso vou destacar duas histórias curiosas dentre tantas outras, a primeira delas diz respeito a um certo poder retórico que já aparecia na infância e que eu usava de forma divertida e subversiva, pois eu conhecia muitas histórias fantásticas e recriava-as ao meu modo, já os meus coleguinhas adoravam histórias, mas conheciam pouco delas. O primeiro fato aconteceu no pré-primário, eu ia de perua Kombi pra escola, o Bizinoto – funcionário do frigorífico que fazia entregas na cidade – me levava e me buscava. Muitas vezes no retorno ao frigorífico ele tinha que passar em armazéns na saída da cidade para comprar mantimentos solicitados pelas pessoas da vila. Eu descia com ele. Numa dessas vezes eu fiquei fascinado com um saco de feijão a granel que tinha feijões amarelos, eu nunca tinha visto feijões daquela cor, eram raros naquele tempo, sem que ninguém visse, fui lá e peguei 3 feijõezinhos e os guardei no bolso. Imediatamente imaginei que eram feijões mágicos e por serem amarelos inventei uma história de que eles cresceriam e dariam um pé em que os frutos seriam pepitas de ouro. No outro dia coloquei os feijões no meu estojo de lápis e na hora do recreio mostrei-os pra um colega meu, não vou citar o nome – mas atualmente ele é um advogado conhecido em minha cidade natal – e contei a história que tinha inventado, que eram feijões mágicos, ele que também nunca tinha visto feijões daquela cor acreditou na história e perguntou se eu poderia dá-los a ele, eu propus uma venda, daria os 3 feijões pelo dinheiro do lanche, ele topou na hora! Bem, eu era muito esperto, sabia que aquilo ali poderia dar problema, então não gastei o dinheiro, guardei. No outro dia a diretora ligou pras nossas mães e o resultado óbvio foi que tive que devolver o dinheiro. Mas eu não me importei, na verdade o que eu adorei foi ter feito o meu colega entrar no jogo de minha fantasia e jogar comigo, acreditar no mundo mágico que eu havia inventado, isso não tinha preço.

A segunda história aconteceu quando eu estava no segundo ano da escola primária, infelizmente o colégio particular que estudávamos, o Instituto Marden, fechou quando concluí o primeiro ano primário e com a inexistência de outro colégio naqueles moldes tanto eu quanto os meus colegas de classe mais alta tivemos que migrar para um colégio público, considerado o melhor colégio público da cidade à época, a Escola Estadual João Pinheiro. Aos oito anos eu era um leitor voraz de quadrinhos, ia sempre ao cinema com meu pai e continuava fascinado por mundos de fantasia, tive alguns amigos imaginários, sempre criaturas fantásticas, já gostava muito de desenhar e comecei a desenvolver um fascínio crescente por histórias de horror e ficção científica. Bem, eu vivia contando histórias fantásticas pros colegas, meninos e meninas e o fato curioso é que consegui convencer por alguns meses um colega de sala, filho de um superior de meu pai no frigorífico, de que eu era um extraterrestre, a história tinha mínimos detalhes, como objetivos de minha vinda à Terra, características de meu planeta e eu passava horas imaginando detalhes para dizer a ele, mas eu pedia pra que nunca revelasse a ninguém minha história, isso durou uns 3 meses, até que ele resolveu contar a história para os pais e me desmascararam.

Na mesma época, no segundo ano primário, eu já gostava de uma colega de sala, fantasiava que ela era minha princesa, ela não sabia, mas eu criei um mundo especial pra nós dois (risos). Apesar de gostar de desenhar eu tinha uma letra cursiva muito ruim aos olhos das professoras, então, mesmo sendo bom aluno, era obrigado a fazer caligrafia e achava aquilo um saco. Nessa época eu acabei criando uma estratégia, que anos depois me fez abandonar a letra cursiva, eu queria escrever um bilhete para meu amor secreto, em que falaria que ela era a princesa de meu mundo, mas minha letra cursiva era muito pessoal, e se eu escrevesse fatalmente ela descobriria que eu era o autor. Foi então que tive a ideia de escrever em letras de fôrma

e desde essa época passei aos poucos a abandonar a letra cursiva e só escrever com letras de fôrma, que aos poucos foram também se estilizando. No vestibular o meu maior tormento foi ter que passar a prova de redação a limpo desenhando a letra cursiva. Bem, escrevi um longo bilhete, cheio de fantasia em que apresentava à minha princesa o nosso mundo, tudo com letra de fôrma, deixei dentro do caderno dela. Apesar de ela nunca ter dito nada, acho que desconfiou que era eu, pois depois disso, nos aproximamos mais.

Eu era um menino como outro qualquer, jogava futebol, jogava bete, tinha muita energia física, mas o que mais gostava – e isso avançou para o processo criativo de narrativas com o passar dos anos – era criar mundos fantásticos, isso era pura diversão para mim!

3. *O que, na sua infância, lhe trazia mais medo e sofrimento? Por quê?*

Eu sempre tive uma ligação forte com os animais e vê-los sofrendo era algo difícil pra mim, o sofrimento de qualquer animal sempre foi para mim como uma flecha certeira no coração. Quando eu mudei pra cidade de Ituiutaba, aos 7 anos de idade, comecei a recolher gatinhos abandonados nas ruas e levá-los pra casa, chegamos a ter em casa nessa época 11 gatos. Minha mãe sempre foi muito amorosa com animais e eu achava que herdei isso dela, mas certa feita, já adulto, há um tempo atrás, quando recolhi mais um gatinho nas ruas, liguei e contei pra ela e brinquei: "– Esse negócio de recolher animais nas ruas é culpa sua, mãe, você que me ensinou!" Ela ficou brava e disse: "– Você se enganou, foi você quem me ensinou isso, era você que recolhia os gatinhos nas ruas e eu aprendi contigo!"

Essa reação dela foi curiosa, pois pra mim era uma coisa de nós dois, apesar de eu lembrar de fazer isso sozinho muitas vezes, mas ela esclareceu que quem começou com tudo fui eu. Hoje ela tem 6 gatos e 2 cães, e eu tenho aqui 5 gatos e 3 cães, todos animais recolhi-

dos das ruas. Na infância, muitas vezes por circunstâncias diversas não podia ajudar um animal abandonado e isso sempre me deixava arrasado, muito triste mesmo. Esse sentimento me perseguiu até à idade adulta a ponto de certa feita, há cerca de uns 6 anos, eu entrar em um período de profunda tristeza e quase decidir abandonar tudo para simplesmente viver para ajudar os animais, mas acabei percebendo, depois de muita meditação, que minha atuação como artista é onde eu realmente posso contribuir para a verdadeira disseminação do amor.

4. *O que, de sua infância, você carrega consigo até hoje a ponto de dizer: sem isso eu não sou Edgar Franco?*
Eu prefiro acreditar numa abertura completa para o agora, para o novo! Prefiro não acreditar no caráter – nessa armadura repleta de preceitos e valores imutáveis, portanto sou um ser humano em total transformação, a estagnação seria a morte, desse modo nada do passado me definirá para sempre, num momento tudo poderá perder o sentido. No entanto, hoje a coisa mais importante que carrego do passado é a capacidade de imaginar livremente, criar mundos, universos, ser fantasioso, e isso veio lá da primeira infância! Ainda sou apenas um menino brincando de criar mundos!

Segundo bloco: A família da infância

1. *Como era a mãe de Edgar Franco na infância? O que você aprendeu com isso?*
Minha mãe é uma das pessoas mais amorosas que conheço e ao mesmo tempo extremamente enérgica. Ela tem um jeito de falar incisivo que pra muitos, a uma primeira vista, pode denotar agressividade. Eu herdei dela essa atitude enérgica ao falar e agir e isso aconteceu porque eu sempre admirei a forma com que ela se envolve comple-

tamente nas atividades que se dispõe a realizar, ela empreende toda sua energia naquilo e deixa que a absorva. Algumas vezes eu a vi cansada depois de uma manhã de tarefas domésticas encarar a limpeza de um quintal e em segundos estar tão absorvida naquilo que todo o seu vigor retornava e ela começava a cantar! Ela sempre realiza as tarefas cotidianas cantando e tem uma bela voz, linda demais. Cheguei a gravá-la cantando pra uma das músicas do primeiro álbum do Posthuman Tantra "Neocortex Plug-in", a música termina com sua voz e todos admiram a beleza e harmonia. Minha mãe também tem uma sensibilidade muito grande diante do sofrimento alheio, tem uma habilidade bela de chorar com facilidade quando se sente tocada por algo, chorar de alegria ou de tristeza. Desde pequeno sempre fui muito chorão para os padrões de um menino e isso é algo que agradeço a ela, inclusive estou reaprendendo a chorar mais, por algum tempo certos dogmas do comportamento sisudo acadêmico me fizeram refrear o choro em alguns momentos, mas agora quero chorar mais e mais, sempre que possível. Minha mãe, Alminda Salomão de Oliveira, é um ser humano lindo, a amo incondicionalmente e totalmente.

2. *Como era o pai de Edgar Franco na infância? O que você aprendeu com isso?*

Meu pai sempre foi um grande amigo para mim, é o maior de meus amigos, alguém que conseguiu ter um nível de intimidade comigo que poucas pessoas conseguem, imagino que certos aspectos de meu ser só são conhecidos por ele. E ele sempre foi um pai amoroso, dedicado e presente, ele sempre aceitou e apoiou todas as minhas escolhas e seus conselhos sempre, sempre mesmo, foram para que eu seguisse o meu coração. Nunca me falou nada de coisas pragmáticas da vida, de que eu deveria ter uma carreira profissional, deveria adquirir bens, ou ter sucesso, ou ser respeitado, ele sempre me

falou pra fazer o que eu amo, lançar-me de corpo e alma em meus sonhos! Sempre foi o meu maior fã, desde minhas pequenas realizações como uma redação que recebia boa nota na escola, até um prêmio nacional, sua atitude diante desses feitos do filho, são de grande entusiasmo, emoção e alegria. Para mim é muito importante contar pra ele o que acontece comigo, pois o incentivo que sempre brotou de seu amor incondicional por mim é uma das energias mais poderosas que eu experiencio na vida! Alguns desvios em sua trajetória de vida, durante minha infância, só serviram para ampliar a minha visão de sua grandeza como ser humano e compreender a dinâmica da vida e da importância de amarmos incondicionalmente nossos entes queridos, mesmo quando eles não correspondem há algo que imaginávamos e com isso aprender também a evitar julgamentos. Enfim, se existe na minha vida a ideia de um mentor, guru ou mestre, essa figura sempre foi representada por meu pai, Dimas Franco de Oliveira, fonte inesgotável de amor!

3. *Como era ser irmão na infância? Como isso repercutiu em sua vida?*

A princípio tive muitos ciúmes de minha irmã, Ariadne Franco, quando ela nasceu. Eu tinha 7 anos de idade e até então todas as atenções em casa estavam voltadas para mim. Então, por muitos anos, eu tive uma atitude enciumada em relação a ela, apesar de desde o princípio amar aquela criaturinha linda que veio pra nossas vidas, eu tentava sempre sabotá-la e por ciúmes aliados à minha mente criativa cheguei a ser cruel com ela algumas vezes e por isso me desculpei mais tarde. Lembro-me de minha mãe às vezes precisar sair para ir ao supermercado, eu devia ter uns 9 ou 10 anos e a Ariadne ficar comigo, ela perguntava se a mãe iria demorar e eu inventava histórias de que monstros tinham levado nossa mãe embora pra sempre, é claro que ela chorava. Um pouco depois, eu devia ter uns 11 anos, criei

um mundo fantasioso no quintal da casa ao lado, um mundo que era chefiado por uma criatura maldosa que tinha o formato de um enorme sapo viscoso e que adorava se fartar de crianças! A Ariadne morria de medo de passar perto desse lugar, eu era convincente. Bem, mas à medida que fui amadurecendo, percebi como isso era algo tolo e fomos nos aproximando de uma maneira incrível e quando ela entrou na fase da adolescência nos tornamos grandes amigos, ela passou a me ter como confidente, a aceitar conselhos. E eu passei a admirá-la muito, pois minha irmã é muito mais sensível e sagaz que eu, sempre percebi nela essa grandeza e talvez por isso na época dos ciúmes infantis quisesse boicotá-la, mas a coisa foi mudando para uma admiração mútua e hoje somos grandes amigos, inclusive eu e minha esposa, Rose Franco, somos os padrinhos da sua primeira filha, Diana Rengstl, fruto de um casamento de 10 anos como o meu cunhado alemão Christian Rengstl. Eles vivem na Alemanha, mas vêm nos visitar sempre quando podem. Sinto falta de não tê-la mais próxima de mim, mas quando estamos juntos aproveitamos cada segundo! Te amo muito minha maninha!

Tenho uma outra irmã, Aline, fruto de um caso extraconjugal de meu pai. Só a conheci quando eu já era adulto e é uma bela jovem. Infelizmente tenho pouco contato com ela e espero reverter isso logo.

4. *A infância na família foi "dourada"? Há feridas? Se há, em que elas ajudaram na constituição da pessoa e do artista Edgar Franco?* Só se pode provar os aspectos dourados se você conhecer a pungência dos espinhos e das feridas abertas. Em certos aspectos fui obrigado a amadurecer cedo quando meus pais viveram uma séria crise conjugal, e minha mãe, muito abalada, desabafava tudo comigo. Eu tinha 10 anos e num dos momentos mais dramáticos da minha vida cheguei a pedir para que meu pai fosse embora de casa e ele me atendeu. Adorava meu pai, mas tive que ponderar e pedir para ele ir

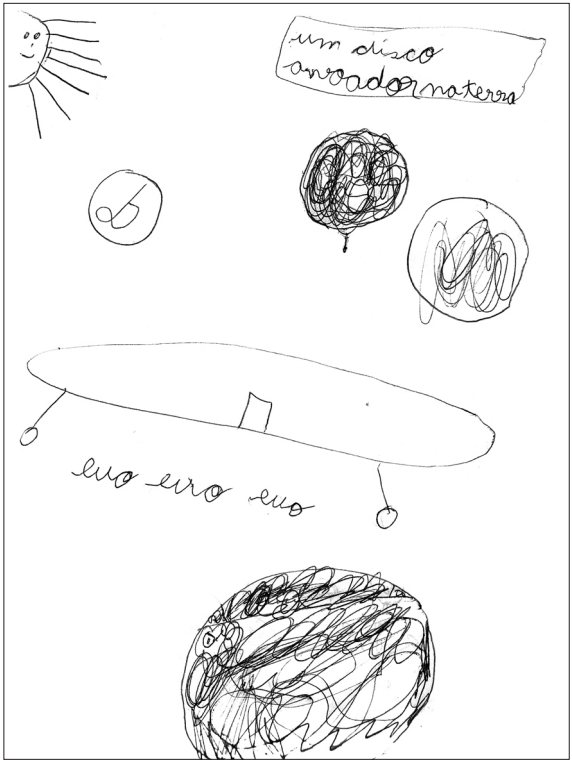
embora, aquilo foi talvez uma das coisas mais dolorosas que vivi na vida. Por sorte o final da história foi feliz para o menino Edgar Franco e seus pais se acertaram, pois descobriram que o amor deles era algo genuíno. Eu aprendi muito sobre perdão, aceitação, não idealização, resignação, doçura e amor com esse episódio fundante da minha personalidade. Mas recentemente eu reavaliei completamente aspectos desse episódio, pois percebo que por muito tempo ele moldou em mim certo caráter e me impediu de vivenciar algumas experiências importantes para uma evolução como ser humano. Nada deve suplantar a experiência, nenhum caráter, nenhum dogma, então eu me desvencilhei de certos dogmas forjados em minha mente por conta desse fato marcante.

Terceiro bloco: Os desenhos da infância

1. *Temos acima dois desenhos feitos em sua infância. É uma sequência de imagens que formam uma HQ. Talvez seja sua primeira HQ. Quando o desenho entrou em sua vida? Como era sua relação com ele na infância?*

Desde muito cedo fui incentivado a desenhar, sempre tive à minha disposição materiais como giz de cera e papéis para desenhar e o meu contato com livros de histórias infantis e quadrinhos começou muito antes de eu saber ler, o que incentivava ainda mais a vontade de desenhar. Fui um desenhista quase compulsivo desde os 3–4 anos de idade, meus cadernos da escola, desde a época da alfabetização eram repletos de desenhos, aproveitava cada espaço que sobrava para desenhar! Essa HQ aí, talvez uma das minhas primeiras, foi desenhada nas folhas finais de um caderno de caligrafia da pré-escola. Detalhe, desenhar com caneta esferográfica era algo considerado subversivo, meus pais tinham medo de eu me machucar com a caneta, por isso adorava desenhar com esferográfica, pois além de

curtir o desenho em si, ainda tinha algo de desafiador e subversivo. Essa HQ aí é algo criado fora de qualquer tarefa escolar e usando um instrumento proibido. Percebo nela muito do que faço hoje: um universo de ficção científica e criaturas pós-humanas!



2. *Sua memória consegue acessar a sensação que você tinha quando desenhava? Acha que isso foi importante para que você continuasse desenhando ao longo de seus 40 anos de vida? Por quê?*
Lembro-me por inúmeras vezes de estar totalmente absorto na atividade de desenhar, pintar, rabiscar, são memórias muito remotas, mas elas funcionam como uma espécie de resgate prazeroso. Só consigo me lembrar da atividade do desenho em minha vida como puro deleite, algumas vezes até êxtase. Também como papel catártico às

vezes, e se alguns consideram escapismo você desenhar mundos ficcionais, eu discordo, pois acho que quando criamos nossos mundos contribuímos para mudar a "realidade". De certa maneira eu acredito que a "realidade" em que vivemos é só mais um sonho, um sonho bem complexo, por isso parece "real", mas é um sonho como outro qualquer, portanto é possível redirecioná-lo, modificá-lo, rearranjá-lo. O desenho tornou-se um forte aliado meu ao conectar-se a minhas habilidades narrativas de criador de mundos, percebi muito cedo que ele poderia dar maior verossimilhança às minhas criações e, mais ainda, que desenhar era algo muito divertido! E ao desenhar ressignifico o mundo, reconstruo-o à minha maneira, moldo a chamada "realidade", a dimensão mais complexa dos sonhos.

3. *Como era a relação entre o Edgar que desenhava e a escola? A escola ajudou ou atrapalhou o desenhista na infância? E a pessoa? Que relação teve com a escola na infância?*

Não me lembro de ter qualquer incentivo na escola para desenvolver minhas aptidões e paixão pelo desenho, só consigo me lembrar de lições burocráticas e engessadas de desenho nas séries primárias, ministradas por professoras inaptas que achavam que desenhar era copiar padrões e modelos. Total equívoco. Depois, na adolescência, as aulas de artes na escola eram momentos de pura bagunça, ninguém levava a sério e os professores continuavam totalmente inaptos. Em suma, minha paixão pelo desenho não teve nenhuma relação com a escola, infelizmente, gostaria que tivesse sido diferente. Apesar de sempre ter sido um aluno de destaque, o desenho era uma atividade à parte, algo com pouquíssima ou nenhuma relação com as atividades acadêmicas. Certas vezes surpreendi professores, pois não sabiam que eu desenhava, e os colegas contavam pra eles. Uma vez a professora de Inglês me pediu pra ilustrar uma música que passaria pra nós, Stairway to Heaven, do Led Zepellin, fiz as ilustra-

ções e ela ficou encantada, duvidando que eram minhas, ou seja, era uma atividade alheia a eles.

4. *Como a sua família acolhia os seus desenhos e sua arte da infância?* Meu pai sempre foi totalmente entusiasmado com minhas aptidões para o desenho, elogiava e curtia qualquer rabisco. Quando comecei a me encantar com horror gótico, por volta dos 12 anos e passei a desenhar esqueletos, crânios, lobisomens, monstros, ele pouco se importava, achava tudo muito bom, elogiava e incentivava, comprando pra mim todo mês as revistas em quadrinhos de horror que eu amava. Minha mãe também se divertia com meus desenhos e sempre brincou comigo, como faz até hoje, me alcunhando de um "desenhista de belos monstrinhos".

Quarto bloco: Um pesquisador-desenhista-ciberpajé infante?

1. *Coloquei a imagem a seguir porque ela é simbólica, na minha visão, sobre quem você é. Temos a formalidade das vestes acadêmicas dos formandos, ainda que em atitude de alegria, contrastada pela sua irreverência no vestir e pelo seu abraço afetivo, postura, a um só tempo, transgressora e respeitosa em relação à academia. O Edgar, professor-pesquisador-artista, é também um transgressor e alguns chegam a achar você "esquisito". Este transgressor tem relação com a criança que você foi/é? Ou não há relação aqui?*

(Respondi após meu aniversário/renascimento) Totalmente! Existem certos aspectos infantes que procuro preservar e que são seminais pra mim: a inocência, a inaptidão por usar máscaras, ou seja, ser você mesmo em qualquer situação; a despretensão; a profunda capacidade de viver o momento presente. Pra mim são capacidades admiráveis da criança que vamos desaprendendo ao longo da vida, ao longo dos pro-

Edgar com os formandos em Arquitetura Renato Brandão e Henrique Trevisan, após cerimônia de colação de grau na PUC-MG, Poços de Caldas, em que foi professor homenageado. Foto: Rose Franco

cessos de engessamento chamados de educação, processos que em sua maioria nos impõem goela abaixo atitudes, comportamentos, valores, nos obrigam a reprimirmos o que somos em detrimento daquilo que os outros acham que devemos ser. Nesse sentido sou um transgressor, mas um transgressor amoroso, pois a amorosidade é o que de mais importante uso nessas minhas transgressões. Isso significa que procuro adotar uma atitude de total aceitação e amorosidade para com os outros seres humanos, e com isso dissemino sutilmente a capacidade de me aceitarem como sou. Minhas ações subversivas contra a ordem estabelecida partem da doçura, por mais selvagem que pareçam. É fácil perceber certa inocência no que digo, na forma que ajo, com que me visto. Uma das reações mais incríveis é o riso, estou acostumado a causar riso nas pessoas, quando falo, quando gesticulo, por ser quem

sou, até nas performances do Posthuman Tantra muitas pessoas explodem em riso. Isso é fascinante para mim, pois o riso é uma atitude totalmente antiobjetiva, antipragmática, você só consegue rir daquilo que subverte as suas expectativas lógicas e racionais, ou seja, o riso é algo magicamente subjetivo, o riso é uma das expressões transcendentes mais lindas de nossa espécie. Também faço certas pessoas chorarem e isso me deixa contente, pois assim como o riso, o choro é pura subjetividade, alma pura. Mas com relação ao riso, o que me comove é causá-lo sem ter essa intenção! Vivo um aprendizado continuo tentando me desvencilhar de tudo aquilo que não seja "eu mesmo", deixar todo o lixo da educação formal e informal para trás e reaprender simplesmente a ser "eu mesmo", por isso a cada dia torno-me mais "esquisito" aos olhos das pessoas dos ambientes que frequento, simplesmente porque estou livrando-me do lixo pseudo-cultural dogmático acumulado e gradativamente tornando-me eu mesmo!

2. *Tenho visto você apresentar-se em ciberpajelanças como um ciberpajé. O que é ser um ciberpajé? Que relações ele tem com a infância?*
Tem um episódio muito engraçado que minha mãe gosta de contar pras pessoas. Quando eu tinha 11 anos de idade – e durante minha infância toda – parte da atividade de criar mundos que eu realizava cotidianamente e que envolvia o desenho e as narrativas, também envolvia o desejo de me fantasiar, então eu comumente usava roupas velhas, trapos, partes de brinquedos para criar fantasias e vesti-las! Certa feita eu me fantasiei como um índio, usando penas de pombo e uma série de apetrechos, eu gostava da figura do "feiticeiro da tribo", que era um "mago" poderoso, e improvisei um chocalho e estava brincando no quintal. Totalmente absorto no meu mundo. Chegou em casa um parente, primo em segundo grau de meu pai, alguém que ela não via há anos, ele se sentou na sala e ficaram conversando, minha mãe foi avisar que eu tinha que ir vê-lo, mas eu es-

Edgar em roupa de cena e postura ousada.
Foto de Anésio Neto

tava curtindo muito a brincadeira e não queria por nada ir até a sala. Essa sala tinha uma grande janela de madeira que dava para a lateral da casa, fácil de se acessar pelo quintal, resolvi então não parar a brincadeira e ir até a janela em minha fantasia para cumprimentar o visitante como um pajé! Cheguei à janela e olhei para ele com gestos tribais e fiz um cumprimento monossilábico, algo como um "hoo heeii". E saí da janela e voltei a brincar. Bem o fato hilário da história que a tornou importante foi que o visitante, imediatamente após me ver, interrogou minha mãe: "– Coitado, ele tem problemas mentais, não é?" Minha mãe ficou indignada e respondeu-lhe que não, que eu era um dos melhores alunos da sala etc. Depois que ele foi embora, eu fui repreendido por minha mãe irritadíssima, ela fa-

lou mais ou menos assim: "– Edgar, você fica com essas bobeiras e micagens suas aí e o nosso parente pensou que você tem problemas mentais! Não faça isso mais!" Eu nem liguei, e me lembro de meu pai dar muitas gargalhadas com a história. Bem, quando minha mãe me viu "fantasiado" para os shows do Posthuman Tantra, imediatamente ela lembrou do episódio e conectou o ciberpajé de hoje àquele menino fantasiado. No fundo existe uma essência nos dois que é a mesma, e ao me fantasiar e ir para o palco eu resgato a capacidade de mergulhar também – com meus gestos e meu corpo inteiro – nos meus mundos criativos!

Para mim a figura do pajé é fascinante, ele tem a capacidade de conectar-se diretamente com a natureza para modificar a realidade, ela mistura os mundos, o mundo de suas cosmogonias transcendentes ao mundo "real" e ele consegue reestruturar a realidade mixando esses mundos e ele é alguém que busca a cura, busca a harmonia, o equilíbrio. Então eu me espelho no pajé, ou xamã, como preferem alguns. Eu sou um ser que crio cosmogonias, mundos ficcionais e tenho utilizado gradativamente esses mundos para modificar a minha realidade. Através da mixagem de meus mundos com o pretenso mundo real, eu reconstruo minha realidade, e eu posso me curar e pelo amor incondicional e doçura disseminar a capacidade que cada um tem de se autocurar através dessa busca de simplesmente "ser", ser você mesmo! O prefixo ciber, da cibernética, foi agregado ao pajé porque ele denota a conexão e troca de informações entre seres vivos e seres vivos, mas também entre seres vivos e máquinas, ele incorpora as novas possibilidades tecnológicas como um campo amplo para os exercícios mágicos de conexão entre mundos que o ciberpajé promove.

Eu me declarei Ciberpajé no dia 20 de setembro de 2011, descrevendo o meu renascimento através de uma contagem regressiva diária, baseada em 10 chaves que significam valores importantes para mim nesse momento. Essas chaves foram criadas e fixadas em meu

corpo renascido através do ritual de desenhá-las, capturando sua forma em minha visão cosmogônica.

Os 10 desenhos compõem as aberturas dos capítulos desse livro. Na manhã do renascimento eu compus e gravei um ritual que considero minha declaração de "Ciberpajé".

Eis aqui as 10 chaves:

Ciberpajé 1 – O SERENO – Ser humilde & sempre sereno diante de reis e de mendigos, de flores e de leões.

Ciberpajé 2 – O MOMENTO – Viver o Agora, deixar florescer o momento: a flor que desabrocha, a borboleta que rompe o casulo, ser como uma borboleta.

Ciberpajé 3 – O EQUILIBRADO – Encarar a importância do mal tanto quanto a do bem, são faces da mesma moeda, paradoxos que dão sentido à verdade! Ter serenidade para lidar com a dor e com a alegria.

Ciberpajé 4 – O SINCERO – Dizer o que se pensa sempre para o outro, ser aberto, demonstrar suas fragilidades, não acumular raiva, não gerar tristeza.

Ciberpajé 5 – O DELICADO – Cultivar a delicadeza e a doçura com todos os entes vivos e não vivos.

Ciberpajé 6 – O AMOROSO – Amar o diferente, amar incondicionalmente!

Ciberpajé 7 – O SELVAGEM – Reconectar-se ao animal interior, aos aspectos naturais do ser. Abrir-se para os prazeres terrenos. Viver o prazer sem culpa, experimentar os êxtases da vida!

Ciberpajé 8 – O COMPLEMENTAR – Vivenciar masculinidade e feminilidade com intensidade, perceber a importância da complementariedade masculino e feminino, abrir-se a ela. Ir ao encontro do ser complementar sem apego, com amor, sensualidade e liberdade.

Ciberpajé 9 – A RENOVAÇÃO – Experimentar todo momento como único, cada segundo é um novo nascimento, um maravilhar-se! O agora é pura eternidade!

Ciberpajé 10 – O RENASCIDO – Aceitar-se completamente, ser como luz, perceber a eternidade em si mesmo, sentir a profunda conexão com todas as coisas e seres.

Ouça o single com o ritual de renascimento “Ciberpajé” do Posthuman Tantra no link:

http://www.youtube.com/watch?v=8Jc2jjDt7OE

Performance de Edgar, que trasmite um clima de magia.
Foto de Anésio Neto

3. *Como o ciberpajé Edgar Franco entende o que está acontecendo com a sociedade de hoje?*

Eu ainda acredito na capacidade da espécie humana em reverter um quadro de entropia iminente. Eu amo minha espécie, eu adoro os seres humanos, acho que somos uma das criações mais belas do universo, somos a maior das licenças poéticas do cosmos e merecemos alcan-

çar nossa total plenitude como espécie. Vejo que nos desconectamos gradativamente de nossa percepção de que somos entidades naturais, parte integrante da natureza viva e do cosmos. Os processos de racionalização, de elevação da mente, da lógica e da objetividade nos distanciaram de uma visão holística, pois a mente é individual, o coração é coletivo, a mente não pode amar, só o coração. Assim a gradativa valorização da mente, da razão, processou na humanidade uma desconexão completa do todo, e uma elevação do ego, do egoísmo. Só assim as pessoas passaram cada vez mais a não se preocuparem com o bem do semelhante, dos outros seres vivos, do cosmos, se você se vê como uma entidade desconectada, sem ligação nenhuma com nada, você irá cuidar só de si mesmo e quando muito dos seus entes próximos que lhe garantem também certo aconchego e segurança. Com essa visão você torna-se frio, ávido por poder, status, você elege valores que nunca conseguem ser preenchidos, você se torna medroso, temeroso, pois todos os outros se tornam inimigos e seu objetivo é vencê-los, sobrepujá-los. A teoria da "Evolução das Espécies", da sobrevivência do mais apto, é um reflexo desse ódio pelo outro, apresentando a natureza como uma correria desenfreada para dominar e sobrepujar. Prefiro a visão da teoria de "Gaia" do biólogo James Lovelock, que apresenta a biosfera como um sistema vivo em profunda simbiose que promove sua gradativa evolução, a cooperação entre as múltiplas espécies permite seu desenvolvimento. Muitas pessoas realmente amorosas e puras de coração têm investido na retomada das dimensões cósmicas e naturais do ser e isso não implica uma negação da tecnologia e sim dos valores egoicos que regem o mundo capitalista. Espero que a nossa linda espécie consiga reverter a tempo a tendência à autodestruição e que realizemos nosso potencial transcendente. Como ser humano e ciberpajé, sabendo de minhas limitações e falhas, procuro dar minha pequena contribuição para reverter a entropia da espécie humana.

4. *Por que o ciberpajé Edgar Franco desenha histórias em quadrinhos, essa arte que para muitos acadêmicos é considerado algo menor?*
Sou um artista multimídia, aberto para a expressão em todas as mídias e veículos, meu universo ficcional da "Aurora Pós-humana" tem características transmidiáticas, mas é importante observar que tudo começou para mim como quadrinhista. Continuo criando também histórias em quadrinhos e acredito que as narrativas quadrinhizadas sejam uma das formas mais incríveis e poderosas dentro do amplo espectro das expressões narrativas, por uma série de circunstâncias elas foram estigmatizadas pela sisudez da academia e da peseudo-cultura obcecada com o literário e com ojerizas da imagem. Hoje ocorre uma reavaliação de sua importância e de suas potencialidades, pois a alfabetização cultural global está, mais do que nunca, baseada nas imagens.

Aspectos da criação & produção de HQs & HQtrônicas
01/07/2008

1. *Como é o seu processo de produção de uma HQ? Primeiro vem o roteiro e depois os desenhos? Você esboça no papel? Finaliza no papel? Depois passa para o computador ou desenha direto no computador? Que materiais utiliza? Ouve músicas enquanto cria uma HQ? No computador que programa utiliza para criar ou trabalhar as HQs?*
Na verdade não existe uma fórmula específica, mas normalmente isso acontece de duas maneiras principais, a primeira delas é um "insight" – uma revelação que vem diretamente da mente inconsciente univérsica e a partir dela eu escrevo um argumento para a HQ. Esse "argumento" nunca é maior do que uma frase com umas 15 palavras, é a essência da proposta. Alguns desses "insights" eu deixo guardados, esperando maturarem para que eu desenhe a HQ e

quando os retomo, muitas vezes mudo alguns detalhes. Já o roteiro/diálogos e enquadramentos surgem sempre durante o processo de desenho e em alguns casos até o argumento pode ser reformulado ou até descartado durante a realização. Quando estou desenhando gosto muito de deixar que o desenho flua livremente, prefiro privilegiar os grandes requadros, divido muito pouco as páginas e em algumas de minhas HQs cada quadrinho ocupa uma página. Dezenas de aspectos simbólicos iconográficos surgem sem prévia idealização durante o processo de desenho que sempre acontece primeiro no papel, com grafite, nanquim (canetas descartáveis) e algumas vezes lápis de cor. O computador é utilizado, em muitos casos, para a finalização, inclusão de sombras e cores. Um bom exemplo de HQ criada dessa forma, a partir de um "insight" inicial é a "Pesadelo Pós-humano", que foi publicada na revista *Artlectos & Pós-humanos* 2.

O segundo procedimento comum em meu processo criativo é o de simplesmente sentir uma grande pulsão para desenhar e deixar o grafite correr livre sobre o papel. Após algum tempo desenhando, como que magicamente, surge a ideia para o roteiro e a HQ nasce. Em alguns casos esse primeiro desenho não é da página inicial da HQ e acaba sendo de uma página central ou até final. Um bom exemplo de HQ criada dessa forma, a partir de um primeiro desenho feito despreocupadamente sobre o papel, é a HQ de 9 páginas "Intransgênia" que abre o número um da revista *Artlectos e Pós-humanos*. O desenho que deu origem à HQ é aquele da página 8.

Além desses dois procedimentos mais comuns em meu processo criativo, também faço, eventualmente, HQs utilizando métodos mais tradicionais. A trilogia *BioCyberDrama*, já com 2 números prontos e um lançado, é um exercício laborioso, pois nesse caso sou só o roteirista da HQ e sua construção é mais tradicional. Eu escrevo o roteiro definindo todos os diálogos e situações, descrevendo lugares e personagens – em alguns casos desenhei para Mozart Couto as

personagens como achei que deveriam ser e ele as retrabalhou em seu traço. A narrativa em BioCyberDrama é muito mais tradicional, no entanto inclui algumas sequências mais fruitivas e intuitivas nos álbuns, quem leu sabe disso. A minha HQ solo "Upgrade" publicada na *Artlectos e Pós-humanos* 1, segue um esquema bem parecido com o de BioCyberDrama, escrevi todo o roteiro e diálogos antes de desenhá-la, é um caso raro em minha produção solo.

Sobre os materiais que utilizo, são em sua maioria muito simples, para os desenhos a lápis (lay-out e eventualmente sombreamento) utilizo lapiseira 07 com grafite 2B, B & H, também uso para sombrear lápis 6B & 3B. Para a arte final P&B eu utilizo canetas nanquim descartáveis 0,1/0,2/0,3/0,4/0,5/0,6 & 0,8. Para colorir eu gosto de lápis de cor da Caran D'ache, photoshop, gimp (estou começando a experimentar esse software livre similar ao photoshop) e eventualmente aquarela. Gosto de pequenos formatos pra desenhar, em 90% dos casos uso papel A4 gramatura 90, eventualmente Canson A4 & A3. Ultimamente tenho experimentado utilizar algumas fotos tiradas por mim em câmera digital para compor os fundos dos desenhos, e também posso desenhar esses fundos diretamente no software utilizando texturas e filtros, mas nunca o elemento principal da imagem, esse sempre é desenhado antes no papel e escaneado.

A música é algo fundamental no meu processo de criação, ela sempre cria a ambiência. Normalmente escolho as músicas de acordo com o meu estado de espírito no momento em que estou criando. Tenho experimentado também utilizar músicas criadas por mim (Posthuman Tantra) durante meu processo de criação de quadrinhos e ilustrações, obtenho resultados curiosos.

2. *E o processo de criação das HQtrônicas? É o mesmo?*
As HQtrônicas envolvem outras variáveis, portanto o processo criativo muda muito. A estaticidade dos requadros é substituída pela di-

namicidade da diagramação animada, a inclusão de efeitos sonoros e trilha sonora também é fundamental, então tenho composto algumas músicas visando esses trabalhos. Tenho que imaginar sequências animadas e todos os detalhes de navegação pela história, compreender bem o funcionamento do software que utilizo (o Flash). Então as HQtrônicas passam sempre por um momento anterior de elaboração e planejamento mais amplo. Mas nada impede que sejam criadas de forma intuitiva, "NeoMaso Prometeu" e "brinGuedoTeCA 2.0" foram criadas inicialmente como HQs tradicionais – como se fosse um story board – depois transformá-las em HQtrônicas foi um processo de pós-produção laborioso. Já "Ariadne e o Labirinto Pós-humano" foi imaginada completamente como uma HQtrônica e roteirizada previamente, esse trabalho consumiu muito tempo para ser realizado, desenhei mais de 500 requadros que foram vetorizados, animados e colorizados um a um dentro do Flash, foram meses de elaboração, a narrativa dessa HQtrônica, apesar de ser hipermidiática, é mais formal. São processos criativos diversos HQ x HQtrônica, entretanto complementares e muito interessantes, prazerosos.

3. *Qual foi a primeira HQ que você publicou aos 12 anos? Em qual fanzine foi? Você ainda tem cópias deste trabalho? É possível enviar eletronicamente a imagem dele para mim?*
Foi uma HQ de "terror filosófico", por assim dizer. Era algo muito visceral e com uma certa amargura, eu lia muito Poe e congêneres, percebo nela uma leve descrença em relação à possibilidade de a humanidade dar certo, um certo niilismo. Ao mesmo tempo é uma HQ de um moleque de 12 anos apaixonado por horror. O título é "O Filho de Lúcifer" e ela mostra o nascimento de uma criatura demoníaca (já um híbrido humanimal) a partir de um sacrifício humano. O desenho é bem fraco ainda, mas o texto é curioso, poético mesmo. Essa HQ foi publicada em um fanzine chamado *Odisséia*, em sua primei-

ra edição, editada por um fanzineiro de Mogi das Cruzes, no interior paulista. Eu tenho essa HQ e o zine que a publicou, no entanto esses materiais estão na casa de meus pais, guardados carinhosamente, pois eu não tinha espaço hábil para levar boa parte de meu material para minha antiga casa em Poços de Caldas, agora pretendo fazer isso aqui em Goiânia. Prometo-lhe que logo que o fizer lhe envio um scan dessa HQ e também de outra que me pediu já há tempos e que está lá com meus pais: "Atemporal".

4. *Você tem ideia de quantos fanzines já produziu? Quantas e quais histórias estão publicadas em revistas e álbuns?*
Eu participei de centenas de zines no Brasil e ao menos umas 3 dezenas no exterior. Editei mais de duas dezenas de zines, mas a maior parte deles eram folders (uma HQ de 6 páginas xerocada frente e verso em uma folha A4). O meu primeiro zine publiquei em 1989, chamava-se *Agonia Azul* e trazia HQs minhas e poemas de amigos, durou 3 números. Há algum tempo fiz uma contagem de meu material publicado, incluindo páginas de HQs e ilustrações em fanzines, revistas alternativas e álbuns, tudo isso ultrapassou a marca de 1500 páginas, dessas cerca de 500 páginas tinham sido publicadas em revistas e álbuns. Fiz essa contagem já há uns 5 anos, portanto imagino que tenha bem mais páginas publicadas que isso.

Eu preciso urgentemente fazer esse recenseamento de meu material, organizar tudo por datas e publicações. É algo que quero fazer e agora terei o espaço e tempo hábil para realizar.

Referências

ALVES, Rubem. *Mahatma Gandhi: a política dos gestos poéticos*. São Paulo: Brasiliense, 1983. 119p.

ANDRAUS, G. *Entrevista concedida a Elydio dos Santos Neto*. In: Anexo de E-mail de Gazy Andraus para Elydio dos Santos Neto, em 21 de maio de 2007, às 06:02, 2007.

COSTA, Maria Cristina Castilho. *Ficção, Comunicação e Mídias*. São Paulo: Senac, 2002.

COSTA, Marisa Vorraber. *Poder, discurso e política cultural: contribuições dos Estudos Culturais ao campo do currículo*. In: LOPES, Alice Casimiro; MACEDO, Elizabeth (Orgs.). *Currículo: debates contemporâneos*. São Paulo: Cortez, 2002. p. 133-149.

DITKO, Steve; LEE, Stan. *O capítulo final*. In: MARVEL COMICS. *As primeiras aventuras do Homem-Aranha*. Número 8. São Paulo: Editora Abril, 1997. 20 p.

FACHINI, N. *Psicanálise: O crepúsculo dos deuses e a transgressão de Prometeu*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

FRANCO, Edgar. *Hqtrônicas: do suporte papel à rede internet*. São Paulo: Annablume: Fapesp, 2004. 284 p.

_____. *Parto*. In: *Arlectos e Pós-humanos*, nº 2, 2007, Jaú, SP: SM Editora, p. 3-7.

_____. Panorama dos Quadrinhos subterrâneos no Brasil. In. CALAZANS, F. M. A. (Org.) *As histórias em Quadrinhos no Brasil: Teoria e Prática*. São Paulo: Intercom/Unesp/Proex, 1997, p. 51-65.

_____. *Hqtrônicas: do suporte papel à rede internet*. São Paulo: Annablume:Fapesp, 2004.

_____. *Perspectivas pós-humanas nas ciberartes*. São Paulo: USP/ECA, 2006. (Tese de Doutorado).

FRANCO, E. & COUTO, M. *BioCyberDrama*. São Paulo: Opera Graphica Editora, 2003.

FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*. 11ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

GIROUX, Henry. *Escola crítica e política cultural*. 3ed. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1992. 104 p.

GROF, Stanislav. *Além do Cérebro: Nascimento, Morte e Transcendência em Psicoterapia*. São Paulo: McGraw-Hill, 1987. 327 p.

MAGALHÃES, H. Poesia e Quadrinhos, In: *Mandala*, n. 12, junho de 2000, João Pessoa: Marca de Fantasia, 17-18.

MARTINS, Joel. *Um enfoque fenomenológico do currículo: educação como poíesis*. São Paulo: Cortez, 1992. 142 p.

MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Gisa; GUERRA, M. Terezinha Telles. *Didática do Ensino da Arte: a língua do mundo: poetizar, fruir e conhecer arte*. São Paulo: FTD, 1998. 198 p.

MONDIN, B. *Introdução à filosofia: problemas, sistemas, autores, obras*. São Paulo: Paulinas, 1980.

SANTOS, A.L.P. & GUIMARÃES, O. *Edgar Franco. Entrevista*. http://www.nupill.org/mafua. Acesso em 09/06/2008.

SANTOS NETO, Elydio dos. *As histórias em quadrinhos poético-filosóficas no Brasil: Origem e estudo dos principais autores numa perspectiva das interfaces educação, arte e comunicação*. São Paulo: IA-UNESP, 2010. (Relatório Final de Pesquisa de Pós-Doutorado). 205 páginas.

_____. *Educação Transpessoal: a dinâmica do pessoal e do transpessoal na ação pedagógica e na formação de professores a partir do pensamento de Stanislav Grof*. São Paulo: PUC-SP, 1998 (Tese de Doutorado em Educação).

_____. Normose e prática docente: desafio para a formação de professores. In: *Revista de Educação do COGEIME*, ano 13, n. 24, Piracicaba: COGEIME, p. 53-62, junho de 2005.

_____. *Por uma Educação Transpessoal: a ação pedagógica e o pensamento de Stanislav Grof*. Rio de Janeiro/São Bernardo do Campo: Lucerna/Metodista, 2006. 110 p.

_____. O que são histórias em quadrinhos poético-filosóficas? Um olhar brasileiro. *Revista Visualidades. Revista do Programa de Mestrado em Cultura Visual*. v. 7, n. 1, Jan-Jun/2009, p. 68-99.

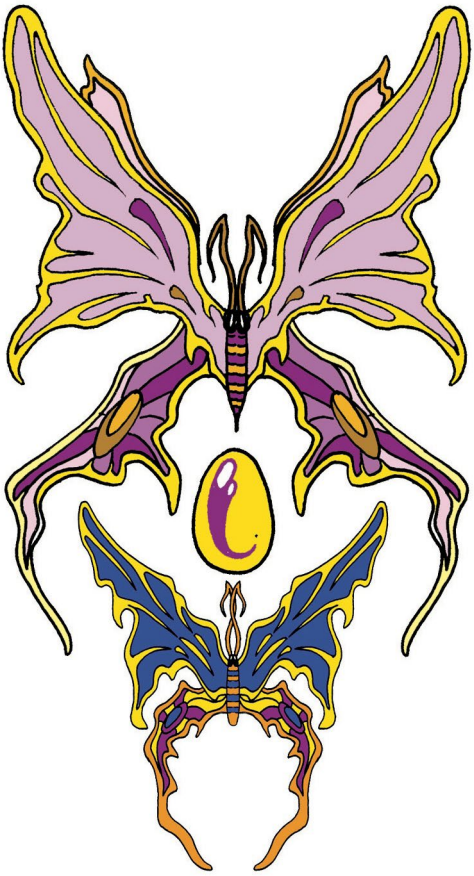
TORREIRO, H. [8] *Expofanzines. Exposición Internacional de Fanzine e Prozines*. IX Xornadas de Banda Deseñada de Ourense. Ourense: Phanzynex/Casa da Xuventude/IX Xornadas de Banda Deseñada/Xunta de Galicia, 1997.

WOLK, Douglas. *Reading Comics: how graphic novels work and what they mean*. United States: Da Capo Press, 2007. 405 p.

Elydio dos Santos Neto graduou-se em Filosofia e Pedagogia pelas Faculdades Salesianas de Lorena (1982); foi Mestre em Ciências da Religião pela PUC-SP (1993) e Doutor em Educação (Supervisão e Currículo) também pela PUC-SP (1998). Realizou estudos de Pós-Doutorado no Instituto de Artes da UNESP, em São Paulo, tendo concluído e aprovada sua pesquisa, sobre histórias em quadrinhos poético-filosóficas, em 2010.

Entre março de 2011 e outubro de 2013, quando faleceu, foi docente-pesquisador da Universidade Federal da Paraíba, lotado no Centro de Educação, Departamento de Habilitações Pedagógicas, atuando também no Mestrado Profissional em Gestão de Organizações Aprendentes (MPGOA). Tem vários livros publicados, bem como artigos acadêmicos. Publicou, como organizador, o livro *Histórias em Quadrinhos & Educação: Formação e Prática Docente*, pela editora da UMESP, em 2011. Participou do "Grupo de Pesquisa Humor, Quadrinhos e Games" (GP-HQG) e do "Grupo de Pesquisa em Ensino das Artes Visuais" (GPEAV), ambos da UFPB.

Pela Marca de Fantasia, lançou os livros *Os quadrinhos poético-filosóficos de Edgar Franco: Textos, HQs e entrevistas*, em primeira edição em 2012; *Os quadrinhos poético-filosóficos de Gazy Andraus: 25 anos de quadrinhos e fanzinato*, em 2013; e *Henrique Magalhães e a editoria de quadrinhos poético-filosóficos*, em 2017. Estes livros resultaram de seu relatório de Pós-Doutorado. A série *Quadrinhos poético-filosóficos*, desta editora, foi proposta por Elydio dos Santos Neto.



Este livro abre a Série Quadrinhos Poético-filosóficos e traz dois textos que analisam a obra do artista multimídia Edgar Franco. No primeiro, seu trabalho é estudado à luz de três eixos: transgressão, transcendência e esperança. No segundo é feita uma aproximação entre o trabalho desse artista e o de Steve Ditko, um dos mais importantes desenhistas do conhecido Homem-Aranha. Há também cinco histórias em quadrinhos de Edgar Franco mais um comentário reflexivo, sendo que a HQ intitulada *Ciclopisa* é inédita, tendo sido concebida especialmente para este livro. Por fim, apresentam-se duas entrevistas com o artista, que trazem luz sobre seu processo formativo e criativo.

https://www.marcadefantasia.com